



Relatos de Observação Participante sobre o Ciclo Ritual do Reisado de Boa Hora-PI

Relato de observação participante 01 — Inserção do pesquisador no campo, Festival de Reisado e experiência como recebedor de Santos Reis.

Minha relação com o Reisado de Boa Hora-PI antecede a realização desta pesquisa acadêmica. Sou natural do município, onde nasci, cresci e constituí minha trajetória pessoal, profissional e comunitária. Essa condição de pertencimento ao território pesquisado marca profundamente o modo como me aproximo do objeto de estudo, pois o Reisado não se apresenta a mim como uma manifestação distante ou externa, mas como prática cultural e religiosa que atravessa minha memória, minha convivência familiar, minha atuação pública e minha experiência como morador.

Boa Hora apresenta, em sua organização territorial e cultural, diferenças internas importantes. O município é cortado pelo rio Corrente, e a população costuma identificar uma região conhecida como “Corrente”, onde a tradição do Reisado, embora tenha existido em outros tempos, perdeu força em relação a outras áreas do município. Já na região da sede municipal e em comunidades próximas, especialmente no entorno do Mato Seco, o Reisado permanece como prática bastante viva, ligada à religiosidade popular, às promessas aos Santos Reis e à participação comunitária.

Meu contato mais sistemático com o Reisado se intensificou durante a formação universitária, quando escolhi essa manifestação como tema do Trabalho de Conclusão de Curso. A partir desse momento, passei a acompanhar com maior atenção as peregrinações, inicialmente movido pela curiosidade, pelo gosto pessoal e pelo sentimento de pertencimento à cultura local. Com o passar do tempo, essa aproximação se transformou em observação mais contínua, permitindo perceber que o Reisado ocupa lugar central na vida religiosa e cultural de Boa Hora. Crianças, jovens, adultos e idosos participam ou acompanham a festa, seja como pagadores de promessa, trabalhadores dos grupos, devotos dos Santos Reis, recebedores das casas ou espectadores do festival.

Além de acompanhar a festa como morador e pesquisador, também atuei como recebedor de Reisado em minha residência, localizada na comunidade Mato Seco 3, zona rural de Boa Hora-PI. Em algumas noites de peregrinação, permaneci acordado esperando a chegada dos grupos; em outras, fui despertado pelo canto das cantadeiras na porta de casa, momento em que era necessário levantar para receber os Santos Reis e acolher o grupo. Essa experiência como recebedor é fundamental para compreender que a peregrinação não é apenas deslocamento dos grupos pelo território, mas uma relação ritual entre promessa, casa, devoção e comunidade.

A partir de 2013, passei também a integrar a equipe de coordenação do Festival de Reisado de Boa Hora, evento organizado pelo poder público municipal e realizado desde 1998. O festival tem origem em práticas anteriores de valorização dos grupos de Reisado, especialmente a partir da iniciativa do médico Dr. Paulo Prudente, que recebia grupos em sua residência e promovia uma espécie de disputa simbólica entre os bois, premiando





aquele que fosse considerado melhor pelos presentes. Com a emancipação e instalação do município, essa prática foi incorporada pelo poder público municipal, e o primeiro Festival de Reisado foi realizado em 1998, no antigo Clube de Jovens, espaço que antes pertencia à Associação de Moradores do povoado Boa Hora.

Desde então, o Festival de Reisado passou por várias edições, chegando em 2026 à sua 26ª realização. O evento reúne os grupos organizados por pagadores de promessa que estão cumprindo sua obrigação religiosa no ciclo dos Santos Reis. Na arena montada no centro da cidade, os grupos se apresentam como se estivessem realizando uma visita a uma casa durante a peregrinação: cantam na porta, interagem com os recebedores simbólicos, apresentam os caretas, o sanfoneiro, o mandador e o boi. A diferença é que essa performance, originalmente doméstica e comunitária, passa a ocorrer em um espaço público, diante de arquibancadas, autoridades, jurados, moradores, visitantes e turistas.

A estrutura do festival também evidencia a institucionalização e a espetacularização parcial da tradição. O poder público monta uma arena com som, iluminação, arquibancadas e, em edições mais recentes, transmissão por plataformas digitais. Em 2014, houve inclusive transmissão ao vivo em TV aberta. A avaliação dos grupos é feita por jurados organizados por quesitos, contemplando cantadeiras, caretas, dançador do boi, sanfoneiro, mandador, adereços do boi e rainha do Reisado. Esses elementos demonstram que o Festival não substitui a peregrinação tradicional, mas cria outro espaço de visibilidade, competição e reconhecimento público para uma prática que nasce da promessa e da devoção.

Minha participação na coordenação do festival, especialmente nos anos de 2015, 2016, 2025 e 2026, permitiu observar a festa também por dentro de sua organização institucional. Essa atuação envolveu reuniões com pagadores de promessa, definição de regulamentos, elaboração de manual de jurados, organização da premiação, montagem da estrutura física, construção de identidade visual e articulação com a Secretaria Municipal de Cultura. Desse modo, minha observação participante se desenvolveu em diferentes lugares sociais: como morador de Boa Hora, como recebedor de Reisado, como participante da organização do Festival e como pesquisador interessado em compreender os sentidos culturais, religiosos e pedagógicos dessa manifestação.

Essa dupla condição — de pertencimento e investigação — exige cuidado metodológico. Por um lado, permite uma aproximação sensível com os sujeitos, os lugares, as práticas e as memórias do Reisado. Por outro, exige distanciamento analítico para que a familiaridade com a tradição não impeça sua problematização. Assim, a observação participante realizada nesta pesquisa parte da experiência vivida, mas busca transformá-la em registro, análise e interpretação histórica, considerando o Reisado de Boa Hora como prática de religiosidade popular, expressão de identidade local e possibilidade de educação patrimonial no ensino de História.

Relato de campo 02 — Ajuste do Reisado: organização dos trabalhadores, negociação da promessa e início doméstico da festa.

Durante a observação de campo realizada no ciclo festivo do Reisado de 2026, acompanhei, no dia 25 de dezembro, o chamado ajuste do Reisado na casa de um pagador de promessa, aqui identificado como Pagador de Promessa 1, a fim de preservar sua





identidade. Esse momento antecede a bênção dos bois e a peregrinação, funcionando como uma etapa fundamental da organização da promessa. Trata-se de um ato realizado na casa do pagador, reunindo familiares, trabalhadores do Reisado, coordenadores de grupo e pessoas próximas à promessa.

O ajuste do Reisado pode ser compreendido como o momento em que se formalizam os compromissos entre o pagador de promessa e os trabalhadores que irão compor o grupo durante as noites de peregrinação. Ao longo do ano, o pagador ou o coordenador do grupo já conversa com cantadeiras, caretas, sanfoneiro, mandador, dançador do boi e demais auxiliares. No entanto, é no dia 25 de dezembro que esses acordos são confirmados, especialmente quanto aos valores, funções e responsabilidades de cada participante.

No contexto local, os chamados trabalhadores de Reisado são aqueles que atuam diretamente na performance ritual e festiva: cantadeiras, caretas, sanfoneiro, mandador e dançador do boi. Além deles, há outras funções indispensáveis para o funcionamento da peregrinação, ainda que nem sempre apareçam no centro da apresentação. Entre elas estão o pé do boi, responsável por auxiliar no transporte do boi de uma casa para outra; o botiquinzeiro, que cuida do botiquim, onde são vendidas bebidas e lanches durante a caminhada; e o carregador de chinelas, responsável por trocar as chinelas dos caretas antes e depois das apresentações.

A função do carregador de chinelas revela a complexidade da performance dos caretas. Eles utilizam uma sandália própria, feita de couro seco de boi, usada especialmente no momento da dança e do sapateado. O sapateado não é apenas movimento corporal, mas também parte da musicalidade da apresentação, pois acompanha o ritmo da sanfona e das cantigas. Quando a apresentação termina, os caretas retiram essas sandálias e voltam a usar seus chinelos comuns. Por isso, é necessário que uma pessoa acompanhe essa troca durante toda a peregrinação, garantindo que os caretas estejam prontos a cada nova apresentação.

Também se destaca a figura do botiquinzeiro. Antigamente, segundo a memória local, o botiquim podia ser levado em animais, como jumentos. Atualmente, é transportado em motos, carros ou caminhões, acompanhando o deslocamento do grupo pelas casas e comunidades. Essa mudança evidencia transformações nas formas de circulação do Reisado, mas também demonstra a permanência de uma organização própria da festa, que combina fé, trabalho, alimentação, economia e sociabilidade.

No dia do ajuste, a casa do pagador de promessa torna-se espaço de reunião, negociação e convivência. A família prepara comida, oferece almoço, bebidas alcoólicas e não alcoólicas, e recebe os trabalhadores como parte do compromisso assumido com os Santos Reis. Os animais utilizados na alimentação — como porcos, cabras e galinhas — muitas vezes são criados e preparados ao longo do ano para esse período. Dessa forma, o pagamento da promessa exige planejamento anterior, mobilização familiar e disponibilidade econômica, não se limitando ao ato público da peregrinação.

Durante o ajuste acompanhado em campo, observei que a reunião não se restringia à definição de preços. Havia também uma dimensão festiva e ritual. O sanfoneiro levou a sanfona, os caretas se apresentaram, as cantadeiras cantaram e parte da performance foi





antecipada naquele ambiente doméstico. Assim, o ajuste funciona como uma espécie de pontapé inicial da promessa, momento em que o grupo começa a tomar forma concreta antes de sair em peregrinação.

A presença do coordenador do grupo também é importante. Em muitos casos, o pagador de promessa não conhece todos os detalhes necessários para organizar um Reisado. Por isso, conta com alguém experiente, geralmente antigo trabalhador da tradição ou pessoa com forte circulação entre os grupos, que ajuda a reunir os participantes, negociar funções, orientar a organização e auxiliar o pagador durante o processo. Esse coordenador atua como mediador entre a promessa e a execução prática da festa.

A observação do ajuste permite compreender que o Reisado de Boa Hora-PI é uma prática religiosa e cultural sustentada por uma complexa rede de trabalho, compromisso e reciprocidade. A promessa feita aos Santos Reis, tradicionalmente paga durante três anos de peregrinação, não necessariamente consecutivos, exige muito mais do que devoção individual. Ela mobiliza família, vizinhos, trabalhadores especializados, recursos materiais, alimentação, transporte, música, performance e circulação comunitária.

Desse modo, o ajuste do Reisado deve ser entendido como o início organizativo da festa. Antes da bênção pública dos bois e antes da caminhada pelas casas, existe uma etapa doméstica e comunitária em que se definem os sujeitos, os papéis, os valores e as condições para que a promessa possa ser cumprida. Essa etapa revela que o Reisado não é improvisado; ele é preparado, negociado, financiado e vivido coletivamente, articulando religiosidade popular, economia da festa, trabalho ritual e pertencimento comunitário.

Relato de diário de campo 03 — A bênção dos bois na Capela dos Santos Reis

Durante a observação de campo realizada em 31 de dezembro de 2025, acompanhei a bênção dos bois do Reisado de Boa Hora-PI, realizada na Capela dos Santos Reis, localizada no Bairro Mato Seco 1. Esse bairro, situado próximo à sede do município, constitui uma das regiões mais tradicionais da cultura do Reisado em Boa Hora, concentrando forte presença de pagadores de promessa, devotos dos Santos Reis e trabalhadores vinculados à festa.

A celebração não é chamada localmente de missa, mas de bênção dos bois. Essa distinção é importante, pois o ato não se apresenta como uma missa comum, mas como um rito específico de abertura do ciclo público do Reisado. A bênção ocorre tradicionalmente na manhã do dia 31 de dezembro, último dia do ano, antecedendo o início das peregrinações que seguem pelo mês de janeiro. Nesse momento, os grupos de Reisado se dirigem à Capela dos Santos Reis levando seus bois já confeccionados, ornamentados e prontos para a saída em peregrinação.

Os bois aparecem como elementos centrais da cena ritual. Eles chegam cobertos com panos, enfeites, fitas, flores e adereços, já concluídos após o período de preparação. Também participam da bênção os pagadores de promessa, seus familiares, caretas, cantadeiras, sanfoneiros, mandadores, dançadores do boi e demais trabalhadores do Reisado. A presença desses sujeitos evidencia que a festa não é organizada apenas em torno do objeto boi, mas de uma rede de pessoas, funções e compromissos que sustentam a promessa.





Na celebração acompanhada em 31 de dezembro de 2025, estavam reunidos na Capela dos Santos Reis os 14 grupos de Reisado que participariam daquele ciclo festivo. Não se tratava, portanto, de um único grupo, mas da concentração, em um mesmo espaço religioso, de diferentes grupos constituídos em torno das promessas que seriam pagas durante o Reisado de 2026. Entre eles estavam grupos identificados pelos nomes de seus bois, como Boi Mineiro, Boi Iluminado, Boi Alegria, entre outros. Cada grupo havia organizado previamente seus trabalhadores, pagador de promessa, familiares e demais participantes, reunindo-se naquele momento para a bênção antes do início das peregrinações.

Também foi possível observar que muitos participantes vestiam camisas de cores específicas, utilizadas pelos grupos como forma de organização e identificação visual de seus integrantes. Entre as pessoas com essas camisas estavam trabalhadores do Reisado, pagadores de promessa, familiares e outros sujeitos ligados diretamente a cada grupo. A presença simultânea dessas diferentes cores, dos bois e dos respectivos participantes tornava visível, naquele espaço, a existência de vários grupos de Reisado reunidos em torno de uma mesma devoção aos Santos Reis.

Outro elemento que se destacava na cena eram os estandartes colocados diante ou sobre os bois, chegando, em alguns casos, a encobrir parcialmente seus corpos. Esses objetos não são chamados localmente de bandeiras. Trata-se de estandartes entregues pela Prefeitura Municipal a cada pagador de promessa no dia da bênção, trazendo o nome do boi correspondente ao grupo. Cada boi recebe um nome próprio, semelhante à forma como se nomeia um animal de estimação, mas essa escolha também pode remeter à promessa, à gratidão por uma graça alcançada, a sentimentos ou a outros significados atribuídos pelo pagador e por sua família. Embora esses estandartes quase nunca acompanhem os grupos durante as noites de peregrinação, eles voltam a ser utilizados no Festival de Reisado, quando são conduzidos pela Rainha do Reisado para apresentar e identificar o grupo na arena.

Além dos bois, os pagadores de promessa levam as imagens dos Santos Reis. Essas imagens acompanham o grupo durante a peregrinação e são conduzidas nas visitas às casas, especialmente no momento do canto na porta, quando o santo é apresentado ao dono da residência. Na bênção, portanto, não são apenas os bois que recebem a consagração religiosa: as imagens dos Santos Reis, os pagadores e os trabalhadores também são integrados simbolicamente ao ciclo ritual que se inicia.

O pároco do município conduz a celebração e realiza a aspersão de água benta sobre os bois, as imagens dos Santos Reis e os participantes. Durante a observação, foi possível perceber que esse gesto é recebido com reverência pelos presentes. A água benta marca, simbolicamente, a passagem dos bois do plano material para o plano ritual. A partir dali, os bois não são apenas artefatos confeccionados para uma apresentação; passam a compor o circuito devocional da promessa, sendo preparados para acompanhar os grupos nas casas, comunidades e espaços públicos do município.

A bênção dos bois também reúne moradores, devotos, autoridades e pessoas que comparecem para acompanhar o início da festa. A Capela dos Santos Reis, nesse contexto, torna-se um lugar de concentração da devoção local. A presença das imagens dos três Reis





Magos, conhecidos em Boa Hora como Santos Reis, reforça o vínculo entre a tradição católica popular e a forma própria como o Reisado é vivido no município.

Após a bênção, a Prefeitura Municipal oferece um café da manhã aos pagadores de promessa, trabalhadores do Reisado e demais participantes. No pátio e na praça em frente à capela, a dimensão religiosa se prolonga em convivência comunitária. As pessoas se alimentam, conversam, tocam sanfona, cantam, sapateiam e realizam pequenas apresentações. Os caretas dançam, os sanfoneiros executam os toques, e os mandadores fazem suas mandações, antecipando no espaço público elementos que depois serão vividos nas casas durante a peregrinação.

Esse momento revela que a bênção dos bois não é apenas uma formalidade religiosa. Ela funciona como abertura pública da festa, reunindo fé, promessa, sociabilidade, música, alimentação e reconhecimento comunitário. Se o ajuste do Reisado, realizado em 25 de dezembro, organiza os trabalhadores, valores e funções na casa do pagador de promessa, a bênção dos bois apresenta essa organização à comunidade e consagra ritualmente os grupos para a caminhada.

Assim, a bênção dos bois marca o início religioso e público do Reisado de Boa Hora-PI. Realizada no último dia do ano, ela prepara simbolicamente a passagem para o novo ciclo, no qual os pagadores de promessa iniciarão ou continuarão o pagamento de sua devoção aos Santos Reis. A cena observada demonstra que o Reisado é estruturado por etapas sucessivas: preparação, ajuste, bênção, peregrinação, visitas às casas e encerramento. Cada etapa possui função própria, mas todas se articulam em torno da promessa, da religiosidade popular e da participação coletiva.

Relato de campo 04 — Ensaio do boi: primeira apresentação ritual na casa do pagador de promessa.

Durante a observação de campo sobre o ciclo festivo do Reisado de Boa Hora-PI, acompanhei o momento conhecido localmente como ensaio do Reisado ou ensaio do boi. A expressão “ensaio” pode sugerir, à primeira vista, uma prática de treinamento, em que os participantes repetem cantigas, corrigem erros e recomeçam a apresentação. No entanto, no contexto do Reisado de Boa Hora, o ensaio não ocorre dessa forma. Ele corresponde à primeira apresentação efetiva do grupo, realizada na casa do pagador de promessa, antes da saída para a peregrinação.

Alguns grupos mais antigos mantêm a tradição de iniciar a peregrinação ainda na noite de 31 de dezembro para 1º de janeiro. Entretanto, a maioria dos grupos realiza o ensaio na tarde do dia 1º de janeiro, antes da primeira noite de caminhada. Nesse momento, os trabalhadores do Reisado já se encontram reunidos na casa do pagador de promessa: cantadeiras, caretas, sanfoneiro, mandador, dançador do boi e demais auxiliares. Também já está preparado o transporte que conduzirá o grupo durante a noite, geralmente utilizado para levar o boi, os trabalhadores, os acompanhantes e parte da estrutura necessária à peregrinação.

A casa do pagador de promessa torna-se, nesse momento, o primeiro espaço ritual da festa. Antes mesmo de o grupo seguir para outras casas, a apresentação acontece ali, como se aquela fosse a primeira residência visitada. A porta da casa permanece fechada, o





pano é colocado na entrada, e a imagem dos Santos Reis é conduzida para o início da cantoria. As cantadeiras se posicionam diante da porta e entoam o canto da anunciação, também chamado canto da chegada, convocando simbolicamente o dono da casa a receber os Santos Reis.

Esse momento revela a importância da casa como lugar de abertura da promessa. Embora a peregrinação ainda não tenha começado oficialmente pelas comunidades, o ritual já se realiza na residência do próprio pagador. Ao redor da casa, encontram-se familiares, trabalhadores e pessoas da comunidade que acompanharão o grupo durante a noite. Muitos já estão preparados para seguir a caminhada, demonstrando que o ensaio não é apenas uma apresentação isolada, mas a passagem entre a preparação doméstica e a circulação pública do Reisado.

Após o canto da chegada, a porta é aberta e a apresentação segue a mesma sequência que será repetida nas demais casas visitadas durante a peregrinação. Os caretas entram em cena, sapateiam, cantam suas lodaças e interagem com o dono da casa. Em seguida, ocorre a apresentação do boi, conduzida pelo mandador e acompanhada pelo som da sanfona. O boi dança no terreiro, movimentado pelo dançador que lhe dá vida, enquanto os presentes acompanham a cena.

Ao final da apresentação, as cantadeiras retomam o lugar central no ritual. Elas recolhem a imagem dos Santos Reis que havia sido recebida na casa e entoam o canto da despedida. Esse canto encerra simbolicamente a visita, preparando o grupo para deixar a residência do pagador e seguir em peregrinação. Depois disso, os trabalhadores, acompanhantes e demais participantes sobem no transporte e iniciam a caminhada pelas casas previamente definidas.

Assim, o ensaio do boi deve ser compreendido como uma etapa fundamental da estrutura ritual do Reisado de Boa Hora-PI. Ele não é um simples treinamento, mas uma apresentação inaugural, realizada no espaço doméstico do pagador de promessa. Nele, a sequência da peregrinação é atualizada pela primeira vez: canto da chegada, abertura da porta, atuação dos caretas, apresentação do boi e canto da despedida. A partir desse momento, o grupo está ritualmente pronto para percorrer as casas, conduzindo a imagem dos Santos Reis e cumprindo o pagamento da promessa.

Essa observação permite compreender que o Reisado se organiza por uma sequência de etapas articuladas. O ajuste do Reisado define trabalhadores, funções e compromissos; a bênção dos bois consagra publicamente os grupos; e o ensaio do boi inaugura, na casa do pagador, a performance que será repetida ao longo da peregrinação. Desse modo, o ensaio evidencia que a tradição é aprendida, ordenada e vivida coletivamente, articulando casa, promessa, canto, corpo, boi e comunidade.

Relato de campo 05 — Peregrinação: casas, deslocamentos, recepção dos Santos Reis, lenço dos caretas, moedas do santo e retorno à casa do pagador.

Durante a observação de campo realizada no ciclo festivo do Reisado de Boa Hora-PI, acompanhei a peregrinação dos grupos pelas casas, comunidades e bairros do município. A peregrinação constitui uma das etapas centrais do pagamento da promessa aos Santos Reis, ocorrendo nos primeiros dias de janeiro. Alguns grupos iniciam a





caminhada ainda na noite de 31 de dezembro para 1º de janeiro, realizando seis noites de peregrinação. Outros começam no dia 1º de janeiro, cumprindo cinco noites. Em geral, cada noite se inicia por volta das 18 horas e se estende até aproximadamente 6 horas da manhã do dia seguinte.

A lógica tradicional da peregrinação consiste em começar pelos lugares mais distantes e, ao longo das noites, ir retornando gradualmente para a casa do pagador de promessa. Por isso, muitos grupos iniciam suas caminhadas em comunidades rurais afastadas, em bairros periféricos ou até em localidades de municípios vizinhos. Segundo a tradição local, o percurso pode alcançar áreas de Cabeceiras, Barras, Piripiri, Boqueirão e outras localidades próximas, especialmente aquelas compreendidas culturalmente na chamada região da Puba, território marcado pela produção de cana-de-açúcar, por antigas relações rurais e pela circulação de práticas culturais semelhantes ao Reisado de Boa Hora.

A peregrinação não se limita, portanto, ao território administrativo do município. Ela acompanha uma geografia cultural mais ampla, formada por comunidades ligadas por relações de parentesco, devoção, memória e circulação histórica. Boa Hora aparece, nesse contexto, como um dos centros mais fortes dessa tradição, sendo reconhecida localmente como referência da cultura do Reisado na região.

O deslocamento dos grupos ocorre, na maioria das vezes, em caminhões, carros abertos, motocicletas e veículos particulares. O caminhão costuma transportar o boi, os caretas, o mandador, o sanfoneiro, as cantadeiras, o dançador, o pagador de promessa, familiares e pessoas que acompanham a caminhada. Essa forma de deslocamento revela uma atualização da tradição. Antigamente, muitos percursos eram feitos a pé; atualmente, em razão das distâncias entre casas e comunidades, o uso de veículos tornou-se parte da logística da festa, sem eliminar o sentido ritual da peregrinação.

Ao chegar a uma casa, o grupo se organiza para a apresentação. Se o dono da residência está acordado, fecha a porta e permanece dentro da casa com seus familiares, enquanto o grupo se posiciona do lado de fora. Caso esteja dormindo, é acordado pelo canto das cantadeiras, que anunciam a chegada dos Santos Reis. Esse fechamento inicial da porta é parte do ritual: a casa precisa ser simbolicamente aberta para receber o santo, o pagador de promessa, os trabalhadores e o grupo de Reisado.

As cantadeiras se colocam diante da porta, estendem o pano e iniciam o canto da chegada, também chamado canto da anunciação. Nesse momento, o pagador de promessa permanece próximo à porta segurando a imagem dos Santos Reis, que é apresentada ao dono da casa. A cantiga anuncia a chegada do Reisado, dos Santos Reis e da promessa que está sendo cumprida em agradecimento por uma graça alcançada. Quando o dono da casa abre a porta e recebe a imagem, ele confirma sua aceitação ritual: aceita os Santos Reis, acolhe a promessa e permite que o grupo realize a apresentação.

Após a abertura da porta, os caretas entram em ação. Eles sapateiam, cantam, dançam e interagem com o dono da casa e com os presentes. Em muitas casas, os caretas entram na sala principal; em outras, quando há varanda, a apresentação pode ocorrer nesse espaço intermediário entre o interior da casa e o terreiro. O tradicional, no entanto, é que a primeira parte da atuação aconteça dentro da casa, reforçando a relação entre Reisado, moradia, intimidade familiar e devoção.





O sapateado dos caretas tem grande importância na cena. Ele não é apenas movimento corporal, mas também elemento musical, pois acompanha o som da sanfona e o ritmo das cantigas. Os caretas dançam individualmente e, depois, em conjunto, formando uma sequência performática que une corpo, humor, canto e religiosidade. Ao final de sua atuação, eles costumam jogar o lenço, gesto tradicional por meio do qual o dono da casa ou os presentes oferecem uma quantia em dinheiro como agrado. Esse gesto é conhecido localmente como pagamento do lenço dos caretas.

O pagamento do lenço não é entendido como salário dos caretas, pois os trabalhadores já possuem acordo com o pagador de promessa. Trata-se de uma forma de agrado, reconhecimento e reciprocidade, ligada à satisfação dos moradores com a apresentação. Quando a casa se anima, pode pedir mais cantigas, mais sapateado ou maior atuação dos caretas, oferecendo uma contribuição maior. Assim, o lenço funciona como gesto simbólico e econômico, articulando brincadeira, gratidão e participação comunitária.

Depois da atuação dos caretas, o dono da casa é convidado a autorizar a dança do boi. Essa autorização é importante porque o boi não se apresenta sem que haja aceitação do recebedor. Uma vez concedida a permissão, o boi dança no terreiro, conduzido pelo mandador e movimentado pelo dançador que fica sob sua estrutura. A dança do boi desloca a cena do interior da casa para o espaço externo, reunindo moradores, visitantes, acompanhantes e curiosos em torno da apresentação.

Ao final da dança do boi, as cantadeiras retornam para o encerramento da visita. A imagem dos Santos Reis é novamente trazida pelo dono da casa, junto ao pano, e devolvida ao pagador de promessa. Nesse momento, o recebedor costuma oferecer a chamada esmola do santo e o pagamento pela apresentação do Reisado em sua casa, que podem consistir em dinheiro, produtos ou outras contribuições. Antigamente, segundo a memória local, era mais comum a oferta de gêneros alimentícios; atualmente, predominam contribuições em dinheiro e, em alguns casos, transferências por Pix.

Essas contribuições ajudam a custear o pagamento da promessa. O pagador de promessa precisa alimentar os trabalhadores, garantir transporte, organizar o grupo, pagar funções específicas e manter a peregrinação durante várias noites. Desse modo, a visita às casas também revela uma economia própria da festa, baseada em ajuda, circulação de recursos, reciprocidade e compromisso religioso. A contribuição do recebedor não é apenas pagamento por uma apresentação; é participação no cumprimento da promessa.

A cada casa visitada, a sequência ritual se repete: chegada, canto da anunciação, abertura da porta, recepção dos Santos Reis, atuação dos caretas, autorização para o boi dançar, apresentação no terreiro, canto de despedida e devolução da imagem. Depois disso, o grupo segue para outra casa. Quando as residências ficam próximas, o deslocamento ocorre a pé, com os participantes carregando o boi, o botiquim e os demais objetos necessários. Quando as casas ou comunidades ficam distantes, o grupo sobe novamente no transporte e segue para outro ponto da peregrinação.

Em algumas noites, uma única comunidade não é suficiente para preencher todo o percurso. Nesses casos, o grupo se desloca para outro bairro ou localidade, continuando as visitas até o amanhecer. A peregrinação só se encerra por volta das seis horas da manhã,





quando os trabalhadores retornam à casa do pagador de promessa. Ali, geralmente encontram um café da manhã reforçado, preparado pela família, como forma de acolher aqueles que passaram a noite trabalhando, cantando, dançando, tocando, carregando o boi e acompanhando o pagamento da promessa.

A peregrinação mobiliza não apenas os trabalhadores e familiares do pagador. Muitas pessoas da comunidade acompanham os grupos durante a noite. Algumas seguem por devoção, outras por curiosidade, lazer, namoro, diversão ou interesse cultural. Há também pessoas que fazem promessa de acompanhar todas as noites da peregrinação. Assim, o mesmo evento reúne dimensões religiosas, sociais, afetivas, econômicas e festivas.

Na observação realizada no Bairro Mato Seco, na noite de 4 para 5 de janeiro, foi possível perceber a força pública da peregrinação. A via principal do bairro ficou tomada por carros, motos, barracas, vendedores, moradores e visitantes. Havia cerca de três grupos de Reisado circulando na região, atraindo grande quantidade de pessoas. Para um município de aproximadamente sete mil habitantes, a presença de milhares de pessoas nas ruas durante a noite demonstra a centralidade do Reisado na vida cultural local.

Além dos moradores de Boa Hora, também comparecem visitantes de outros municípios e pessoas interessadas na cultura do Reisado. Alguns acompanham um grupo por determinado tempo e depois se deslocam para outra comunidade, buscando observar diferentes bois, caretas, cantadeiras e mandadores. Outros permanecem em pontos fixos, próximos às casas ou às vias principais, observando a passagem dos grupos. Essa circulação cria uma dinâmica de comparação, comentário e avaliação popular: no dia seguinte, as pessoas comentam quais bois dançaram melhor, quais caretas estavam mais animados, quais grupos atraíram mais público e quais apresentações emocionaram mais.

A peregrinação também movimenta uma pequena economia popular. Moradores e vendedores montam barracas, carros de lanche, pontos de venda de bebida e pequenas estruturas temporárias para atender o público que acompanha os grupos. Desse modo, a festa ultrapassa o rito religioso e produz efeitos sobre a sociabilidade e a economia local, sem perder seu núcleo devocional.

A última noite da peregrinação, de 5 para 6 de janeiro, possui uma singularidade. Embora o encerramento costume ocorrer às seis horas da manhã, nessa noite o tempo pode se prolongar até oito, nove ou dez horas da manhã. Isso acontece porque o grupo precisa retornar à casa do pagador de promessa, passando pelas casas da vizinhança e encerrando o ciclo no mesmo lugar onde realizou sua primeira apresentação. A casa do pagador, portanto, é simultaneamente ponto de partida e ponto de chegada.

Esse retorno final possui forte sentido simbólico. A peregrinação é compreendida como caminhada dos Santos Reis, e o grupo precisa cumprir o trajeto de volta até a residência do pagador, visitando as casas do entorno antes de encerrar. Mesmo com o sol já alto e o cansaço acumulado, o boi continua dançando, os caretas seguem atuando, a sanfona acompanha e as cantadeiras encerram a promessa com o canto de despedida. O fim da peregrinação não depende apenas do relógio, mas do cumprimento do percurso ritual.





A observação da peregrinação permite compreender que o Reisado de Boa Hora-PI é uma prática de religiosidade popular vivida no movimento. A fé não está concentrada em um único templo ou palco; ela circula pelas estradas, terreiros, salas, varandas, caminhões, praças e bairros. Cada casa visitada torna-se, por alguns instantes, espaço ritual. Cada recebedor participa do pagamento da promessa. Cada contribuição, canto, gesto e deslocamento integra a rede comunitária que sustenta a tradição.

Desse modo, a peregrinação é o eixo que articula promessa, território, casa e comunidade. Ela transforma o município em espaço ritual, fazendo circular os Santos Reis, o boi, os caretas, as cantadeiras, o mandador, o sanfoneiro, os pagadores e os devotos. Ao mesmo tempo em que preserva elementos tradicionais, como o canto na porta, o pano, a imagem dos Santos Reis, o lenço dos caretas e a dança do boi, a peregrinação incorpora mudanças contemporâneas, como veículos motorizados, Pix, transmissões ao vivo, celulares, presença de blogueiros e circulação de turistas. Essas mudanças não eliminam a tradição; antes, revelam sua capacidade de atualização no tempo presente.

Relato de campo 06 — A promessa aos Santos Reis: devoção direta, graça alcançada e pagamento pela peregrinação.

Durante a pesquisa de campo sobre o Reisado de Boa Hora-PI, a promessa apareceu como o eixo religioso que organiza a festa, a peregrinação e a participação dos sujeitos. A partir das entrevistas realizadas com pagadores de promessa, trabalhadores do Reisado e sujeitos da tradição, bem como da observação participante, foi possível perceber que a promessa aos Santos Reis é compreendida, no contexto local, como um compromisso direto entre o devoto e os santos.

Na tradição do Reisado de Boa Hora, a promessa não precisa ser feita formalmente na igreja nem depende de autorização prévia do sacerdote ou do pároco. Ela nasce, geralmente, em um momento de aflição, doença, risco, necessidade ou sofrimento, quando a pessoa se “apega aos Santos Reis”. Essa expressão, muito presente na fala dos devotos, revela uma relação de intimidade espiritual: o sujeito recorre aos Santos Reis, faz seu pedido e assume o compromisso de pagar a promessa caso a graça seja alcançada.

As situações que motivam a promessa são variadas. Nas entrevistas e relatos de campo, apareceram casos relacionados à recuperação de doenças, cirurgias, dores persistentes, acidentes, problemas de saúde em familiares e outros momentos considerados difíceis. Nesses contextos, o devoto estabelece uma espécie de conversa espiritual com os Santos Reis, pedindo proteção, cura ou livramento. Quando a pessoa acredita ter recebido a graça, passa a ter a obrigação moral e religiosa de cumprir aquilo que prometeu.

O pagamento da promessa se realiza por meio da peregrinação. O pagador organiza o grupo de Reisado, reúne trabalhadores, prepara alimentação, providencia transporte, leva a imagem dos Santos Reis e percorre casas e comunidades durante as noites do ciclo festivo. Assim, a promessa não se paga de modo individual e silencioso, mas por meio de uma prática pública, comunitária e ritualizada. A fé pessoal se transforma em movimento coletivo.





Tradicionalmente, a promessa é paga durante três anos de peregrinação. Essa é a forma mais reconhecida pelos sujeitos mais antigos da tradição. Embora existam relatos de promessas feitas por apenas um ano, alguns mais velhos afirmam que a promessa verdadeira deve ser de três anos. Também há casos, menos comuns atualmente, de promessas de sete anos. O mais frequente, entretanto, é a promessa trienal, que pode ser cumprida em anos consecutivos ou de forma interrompida, conforme as condições econômicas, familiares e pessoais do pagador.

Essa possibilidade de não pagar os três anos seguidos mostra que a promessa não é compreendida apenas como obrigação rígida, mas como compromisso que pode ser ajustado às condições da vida. Como a organização de um Reisado envolve gastos com alimentação, transporte, trabalhadores, preparação do boi e demais despesas, muitos pagadores cumprem um ano, interrompem por algum tempo e depois retomam o pagamento. O importante, segundo a lógica local, é completar o ciclo prometido aos Santos Reis.

Também foi observado que, quando o pagador de promessa falece antes de concluir o pagamento, o compromisso pode ser assumido por outra pessoa da família. Um descendente, parente próximo ou alguém ligado ao devoto pode continuar a promessa em seu lugar. Esse aspecto revela que a promessa ultrapassa o indivíduo e se inscreve na memória familiar. Ela pode permanecer como obrigação herdada, mantendo viva a relação entre fé, parentesco e tradição.

Outro elemento importante é a repetição das promessas. Há pagadores que, após cumprir um ciclo de três anos, voltam a se apegar aos Santos Reis diante de novas dificuldades. Assim, fazem nova promessa e reiniciam outro ciclo de peregrinação. Desse modo, alguns sujeitos passam muitos anos vinculados ao Reisado, não apenas como organizadores ocasionais, mas como devotos recorrentes dos Santos Reis.

A promessa também revela a força da religiosidade popular em Boa Hora. Embora a bênção dos bois conte com a presença do pároco e ocorra na Capela dos Santos Reis, o nascimento da promessa acontece no âmbito da vida cotidiana, da casa, da família e da experiência pessoal do devoto. Não se trata de uma prática desligada do catolicismo, mas de uma forma própria de vivê-lo, marcada pela devoção direta, pela oralidade, pela casa, pela caminhada e pela participação comunitária.

Na observação de campo, foi possível perceber que os pagadores de promessa demonstram forte convicção de que receberam uma graça. Para eles, o milagre ou o benefício alcançado não é apenas uma possibilidade simbólica, mas uma experiência real de fé. Por isso, o pagamento da promessa envolve esforço, gasto, cansaço e exposição pública, mas também alegria, gratidão e reconhecimento.

A presença de pagadores jovens, como também de pessoas idosas, indica que essa prática não pertence apenas ao passado. Embora muitos devotos sejam mais velhos, há jovens que fazem promessas, organizam grupos e assumem o compromisso com os Santos Reis. Isso demonstra que a promessa continua sendo transmitida e atualizada entre diferentes gerações.





Assim, a promessa no Reisado de Boa Hora-PI pode ser compreendida como um pacto religioso, familiar e comunitário. Ela nasce de uma necessidade individual, mas se cumpre coletivamente; começa em uma conversa íntima com os Santos Reis, mas se realiza publicamente nas casas, ruas, estradas e comunidades. É a promessa que dá sentido à organização do grupo, à peregrinação, à imagem conduzida pelo pagador, ao canto das cantadeiras, à atuação dos caretas, à dança do boi e à recepção dos moradores. Sem a promessa, o Reisado perderia seu eixo religioso fundamental.

Relato de diário de campo 07 — A peregrinação na noite do Festival de Reisado

Durante a observação de campo sobre o Reisado de Boa Hora-PI, foi possível perceber que a noite do Festival de Reisado, tradicionalmente realizado no dia 5 de janeiro, não interrompe o pagamento da promessa. Ao contrário, ela constitui uma noite singular dentro da peregrinação, pois os grupos se deslocam primeiro para a arena do festival e, depois de sua apresentação pública, retornam ao percurso pelas casas, dando continuidade à caminhada ritual.

Os grupos que participam do festival são inscritos previamente junto ao município, conforme edital publicado pelo poder público. A inscrição permite a participação na programação oficial e organiza a ordem das apresentações, geralmente definida por sorteio. No dia do festival, os grupos devem comparecer à arena no horário estabelecido pelo edital, geralmente no fim da tarde, por volta das 16 ou 17 horas, para participar da abertura oficial.

Na abertura, estão presentes os pagadores de promessa, os bois ornamentados, as imagens dos Santos Reis, os panos, as cantadeiras, os caretas, os sanfoneiros, os mandadores, os dançadores do boi, o pé do boi, coordenadores e demais pessoas que integram a organização dos grupos. A arena reúne, portanto, não apenas artistas ou brincantes, mas sujeitos da promessa. Cada grupo que entra naquele espaço carrega consigo a dimensão religiosa da peregrinação, mesmo estando diante de jurados, autoridades, público, som, iluminação e estrutura de espetáculo.

Após a abertura, podem ocorrer homenagens, falas de autoridades e outros momentos protocolares. Em seguida, começam as apresentações, conforme a ordem sorteada. Cada grupo se apresenta na arena como se estivesse em uma casa durante a peregrinação: há o canto inicial, a presença simbólica dos recebedores, a atuação das cantadeiras, dos caretas, do sanfoneiro, do mandador e do boi. A diferença é que a cena, originalmente vivida no espaço doméstico, é deslocada para um ambiente público, com arquibancadas, jurados, moradores, turistas e visitantes.

Depois de se apresentar, o grupo é liberado para sair da arena. Nesse momento, ele não encerra sua obrigação religiosa. Ao contrário, retorna à peregrinação pelas casas, bairros e comunidades. Essa continuidade é fundamental para compreender o sentido do festival dentro do ciclo do Reisado. A apresentação pública não substitui a caminhada; ela se insere nela. A noite do festival continua sendo uma noite de pagamento da promessa.

O centro da cidade fica especialmente movimentado nessa data. Por ocorrer em janeiro, período de férias escolares, muitos filhos da terra retornam a Boa Hora, vindos de Teresina, de outras cidades do Piauí e de outros estados. Além dos moradores locais, turistas e visitantes acompanham tanto o festival quanto a peregrinação. Assim, a noite do





dia 5 de janeiro concentra diferentes públicos: devotos, familiares dos pagadores, trabalhadores do Reisado, autoridades, jurados, vendedores, curiosos, pesquisadores, fotógrafos, blogueiros e pessoas que retornam ao município para vivenciar a festa.

Geralmente, o festival se estende até por volta da meia-noite, quando os últimos grupos se apresentam. Mesmo os grupos que se apresentam mais tarde ainda retornam à peregrinação após saírem da arena. Eles seguem durante a madrugada, visitando casas e dando continuidade à sequência ritual já descrita nas demais noites: canto da chegada, recepção dos Santos Reis, atuação dos caretas, dança do boi, canto da despedida e deslocamento para a próxima casa.

A noite do dia 5 para o dia 6 possui uma característica especial, pois corresponde à última noite da peregrinação. Diferentemente das noites anteriores, que costumam se encerrar por volta das 6 horas da manhã, essa última caminhada só termina quando o grupo retorna à casa do pagador de promessa. Por isso, o encerramento pode se estender para além do amanhecer, chegando às 8, 9 ou até 10 horas da manhã, dependendo do percurso e das casas ainda a serem visitadas.

Essa dinâmica mostra que o Festival de Reisado ocupa um lugar ambíguo e significativo na tradição de Boa Hora. De um lado, ele institucionaliza a festa, criando edital, inscrição, julgamento, premiação, ordem de apresentação, arena, estrutura de som e presença do poder público. De outro, ele mantém a ligação com a promessa, pois os grupos que se apresentam não são apenas concorrentes de uma disputa cultural; são grupos organizados por pagadores que estão cumprindo uma obrigação religiosa diante dos Santos Reis.

Assim, a peregrinação na noite do festival revela a convivência entre tradição e reinvenção. A casa e a arena não aparecem como espaços opostos, mas como lugares diferentes de realização e visibilidade do Reisado. Na casa, a promessa é vivida de forma mais íntima, no encontro entre o grupo, o santo e o recebedor. Na arena, essa mesma tradição ganha forma pública, sendo apresentada diante da comunidade ampliada, dos visitantes e das instituições municipais. Depois da arena, porém, o grupo volta às casas, reafirmando que o centro da promessa continua sendo a peregrinação.

Dessa forma, o dia do Festival de Reisado deve ser compreendido como parte do ciclo ritual da festa, e não como evento separado da peregrinação. Ele evidencia a força pública da tradição, a capacidade de mobilização comunitária e a importância cultural do Reisado para Boa Hora, mas também mostra que a dimensão devocional permanece ativa. Mesmo diante do palco, dos jurados, das homenagens e do grande público, os grupos continuam carregando os Santos Reis e retornam às casas para concluir a caminhada prometida.

Relato de campo 08 — As cantadeiras: canto da chegada, respondedeira, despedida e mediação dos Santos Reis.

Durante a observação participante realizada no ciclo do Reisado de Boa Hora-PI, as cantadeiras apareceram como personagens centrais na condução ritual da peregrinação. Embora o Reisado seja frequentemente associado ao boi, aos caretas e ao mandador, são as cantadeiras que abrem e encerram a visita em cada casa. Elas ocupam, portanto, uma





função fundamental na mediação entre o grupo de Reisado, os Santos Reis e o dono da residência.

No Reisado de Boa Hora, as cantadeiras atuam geralmente em dupla. Tradicionalmente, essa dupla é formada pela cantadeira principal e pela respondedeira. A cantadeira principal é aquela que conduz a entoada, iniciando os versos e sustentando a direção do canto. A respondedeira, como o próprio nome indica, responde determinados versos, repetindo ou completando a cantoria. Essa organização revela uma hierarquia interna baseada na experiência, na memória das cantigas e no domínio da condução vocal do ritual.

A cantadeira mais experiente costuma assumir o papel principal, enquanto a respondedeira pode ser uma mulher mais jovem, iniciante ou com menor tempo de atuação. Essa divisão não deve ser compreendida como simples separação técnica de vozes, mas como forma de transmissão do saber. A respondedeira aprende pela escuta, pela repetição e pela convivência com a cantadeira mais antiga, incorporando aos poucos o repertório e o modo correto de cantar.

A função das cantadeiras se evidencia principalmente no canto da chegada, também chamado canto da anunciação ou canto da porta. Esse canto ocorre quando o grupo chega à residência. A porta permanece fechada, o pano é estendido diante da entrada e o pagador de promessa se posiciona segurando a imagem dos Santos Reis. Nesse momento, as cantadeiras iniciam a entoada que anuncia a chegada da peregrinação, dos Santos Reis e da promessa que está sendo paga.

Diferentemente das mandações e de outras cantigas que podem admitir improviso ou variação, o canto da chegada possui forma mais fixa. Trata-se de uma cantiga aprendida e preservada dentro da tradição, transmitida pela memória e pela prática. Sua função não é apenas musical; ela cumpre papel ritual. É por meio dela que o dono da casa é chamado a acordar, abrir a porta e receber os Santos Reis. A cantadeira, nesse sentido, não apenas canta: ela convoca, anuncia e autoriza simbolicamente a passagem do santo para dentro da casa.

A observação de campo permite afirmar que esse é um dos momentos mais sagrados da peregrinação. A casa ainda está fechada, o grupo permanece do lado de fora e os Santos Reis aguardam a acolhida do recebedor. A voz das cantadeiras cria a passagem entre o exterior e o interior, entre a rua e a casa, entre a caminhada e a recepção. Quando o dono da casa abre a porta e recebe a imagem dos Santos Reis, confirma sua participação no rito e aceita a presença da promessa em sua residência.

Durante esse canto inicial, os caretas também participam da cena, ainda que de modo diferente. Enquanto as cantadeiras entoam a anunciação, os caretas sapateiam, gritam e produzem sons corporais, mantendo uma presença performática em torno da porta. Essa intervenção não anula a centralidade das cantadeiras; ao contrário, compõe a dramaticidade do momento. A voz feminina conduz o chamado religioso, enquanto o corpo mascarado dos caretas acrescenta movimento, ruído e tensão à abertura da casa.

A sanfona acompanha a entoada, reforçando a dimensão musical do rito. No entanto, a condução da cena permanece nas mãos das cantadeiras. Elas determinam o





tempo da espera, o ritmo do chamado e o momento em que a porta será aberta. Por isso, sua função está diretamente ligada à autoridade ritual da palavra cantada. No Reisado, a casa não se abre apenas porque o grupo chegou; ela se abre porque os Santos Reis foram anunciados pela voz das cantadeiras.

As cantadeiras também são responsáveis pelo encerramento da visita. Depois da atuação dos caretas e da dança do boi no terreiro, elas retornam à porta para cantar a despedida. O dono da casa traz novamente a imagem dos Santos Reis, junto ao pano, e a entrega ao pagador de promessa. O canto final marca a conclusão daquela visita e prepara o grupo para seguir até a próxima residência. Assim, as cantadeiras abrem e fecham o ciclo ritual em cada casa.

A memória oral registrada nas entrevistas também sugere que, em tempos mais antigos, o Reisado teria sido uma prática mais centrada nas cantadeiras e na condução dos Santos Reis de porta em porta. Segundo relatos de sujeitos mais velhos da tradição, antes da incorporação mais forte dos caretas, do boi e de outros elementos performáticos, a peregrinação era lembrada como uma visita cantada, voltada principalmente à imagem dos Santos Reis e à promessa. Ainda que essa memória precise ser interpretada como narrativa de tradição, ela reforça a centralidade das cantadeiras na estrutura religiosa do Reisado.

Desse modo, as cantadeiras não devem ser vistas como personagens secundárias. Elas são guardiãs da palavra cantada, da memória ritual e da abertura devocional da casa. Sua atuação articula religiosidade, música, oralidade, gênero e transmissão de saberes. Por meio delas, o Reisado se anuncia como promessa e não apenas como apresentação. É a voz das cantadeiras que acorda o dono da casa, apresenta os Santos Reis, conduz a entrada do sagrado no espaço doméstico e encerra a visita antes que o grupo siga sua caminhada.

No conjunto do Reisado de Boa Hora-PI, portanto, as cantadeiras ocupam uma posição de mediação entre o santo, o pagador de promessa, os trabalhadores do grupo e a comunidade recebedora. Elas representam a força da oralidade feminina na manutenção da tradição e demonstram que o patrimônio imaterial não se sustenta apenas nos objetos, nos bois ou nas vestimentas, mas também nas vozes, nas memórias, nos modos de cantar e nas práticas transmitidas de geração em geração.

Relato de campo 09 — O sanfoneiro: sanfona, ritmo, sapateado e condução sonora do Reisado.

Durante a observação participante realizada no Reisado de Boa Hora-PI, o sanfoneiro apareceu como personagem indispensável à estrutura musical e performática da festa. Diferentemente de outras manifestações de Reisado existentes em diferentes regiões, nas quais podem aparecer instrumentos como viola, zabumba, triângulo, pandeiro ou rabeca, no Reisado de Boa Hora a sanfona ocupa lugar central e, atualmente, é o único instrumento musical presente na apresentação.

Essa constatação foi observada em campo e também confirmada nas entrevistas realizadas com sujeitos da tradição, especialmente com Mestre Ambrósio, sanfoneiro, pagador de promessa e referência importante na memória do Reisado local. Além dele, durante a pesquisa, acompanhei outros sanfoneiros atuantes, como Samuel, Eduardo e





demais tocadores que participaram dos grupos observados nas peregrinações e no Festival de Reisado.

O sanfoneiro participa de toda a sequência ritual da apresentação em uma casa. Sua atuação começa no momento da chegada, quando o grupo se posiciona diante da porta fechada e as cantadeiras iniciam o canto da anunciação. A sanfona acompanha esse canto inicial, dando sustentação melódica ao chamado dirigido ao dono da casa. Depois, quando a porta é aberta e os caretas entram em ação, a sanfona passa a conduzir o ritmo do sapateado, das cantigas e da movimentação dos personagens. Em seguida, acompanha a saída para o terreiro, a atuação do mandador e a dança do boi. Por fim, também está presente no canto de despedida, quando as cantadeiras encerram a visita e o grupo se prepara para seguir para outra residência.

Desse modo, o sanfoneiro não pode ser visto apenas como músico de acompanhamento. Ele é um organizador sonoro da performance. A sanfona marca o tempo da entrada, sustenta a atuação dos caretas, acompanha a mandação e dá ritmo à movimentação do boi. Sem a sanfona, a apresentação perde sua base musical e sua continuidade ritual, pois os demais personagens dependem do som para orientar seus gestos, cantos, sapateados e deslocamentos.

A relação entre sanfoneiro e caretas é especialmente importante. O sapateado dos caretas funciona como elemento corporal e musical, produzido em diálogo com o toque da sanfona. A cada baião, o careta precisa ajustar o passo, o ritmo e a batida dos pés. Ao mesmo tempo, o sanfoneiro precisa acompanhar a movimentação dos caretas, evitando que a apresentação perca o compasso. Essa relação demonstra que o Reisado é uma prática de escuta, corpo e entrosamento, na qual música e movimento não aparecem separados.

As entrevistas e memórias locais indicam que, em tempos mais antigos, outros instrumentos teriam sido utilizados ou pelo menos lembrados na tradição, como rabeca, violão ou viola. Contudo, entre os sujeitos mais jovens e mesmo entre muitos idosos com cerca de sessenta anos ou mais, a memória predominante é a da sanfona como instrumento principal do Reisado de Boa Hora. Essa permanência sugere que, ao longo do tempo, a sanfona se consolidou como marca sonora da manifestação local.

Há, contudo, indícios interessantes de uma memória musical anterior. Em algumas mandações tradicionais, repetidas ano após ano, aparece referência ao “som da viola”, embora atualmente não se use viola no Reisado de Boa Hora. Esse verso pode indicar permanências de repertórios antigos, herdados de outros tempos ou de outras formas regionais de Reisado. Mesmo sem a presença material da viola na prática atual, a palavra permanece no canto, revelando camadas de memória preservadas na oralidade.

É importante registrar que a possível explicação para a centralidade da sanfona em Boa Hora deve ser tratada como hipótese interpretativa, e não como afirmação definitiva. Pode-se considerar que a presença forte da sanfona no sertão nordestino, especialmente em festas, baiões, arrasta-pés e celebrações populares, tenha contribuído para sua incorporação e permanência no Reisado local. No entanto, a pesquisa de campo não encontrou, até o momento, uma explicação única ou documental para essa consolidação. O





que se pode afirmar, com base na observação e nas entrevistas, é que a sanfona se tornou o instrumento estruturante da festa em Boa Hora.

A função do sanfoneiro exige experiência, resistência física e domínio do repertório. Durante as noites de peregrinação, ele acompanha o grupo de casa em casa, tocando por muitas horas. Sua atuação não se limita a executar melodias; ele precisa conhecer a ordem da apresentação, reconhecer os tempos das cantadeiras, dos caretas, do mandador e do boi, além de adaptar o toque às condições de cada casa, terreiro e momento da noite.

Nesse sentido, o sanfoneiro também participa da transmissão do saber. Aprender a tocar Reisado não é apenas aprender a tocar sanfona. É aprender os ritmos próprios da festa, os momentos certos de entrada e saída, a relação com o sapateado dos caretas, a mandação do boi e o canto das cantadeiras. Trata-se de um saber prático, transmitido pela convivência, pela observação, pela escuta e pela participação nas peregrinações.

Assim, o sanfoneiro ocupa uma posição central no Reisado de Boa Hora-PI. Ele é o responsável pela sustentação musical da promessa em movimento. Sua sanfona acompanha a chegada dos Santos Reis, conduz a atuação dos caretas, dialoga com o mandador, anima a dança do boi e participa do encerramento da visita. Por isso, a sanfona não é apenas instrumento musical; é parte da estrutura ritual da festa, elemento que dá ritmo, continuidade e identidade sonora ao Reisado de Boa Hora.

Relato de diário de campo 10 — Os três caretas no Reisado de Boa Hora-PI

Durante a observação participante realizada no Reisado de Boa Hora-PI, os três caretas apareceram como personagens centrais da festa, tanto pela presença visual quanto pela força performática que exercem dentro da peregrinação. Eles atuam desde o momento da chegada à casa até a apresentação do boi no terreiro, articulando canto, dança, sapateado, humor, máscara, corpo e devoção.

No Reisado de Boa Hora, os caretas são tradicionalmente três. Em alguns momentos, pode aparecer um quarto careta, geralmente uma criança ou adolescente vestido como aprendiz, chamado popularmente de careta mirim. No entanto, para o pagamento da promessa, a formação tradicional do grupo é composta por três caretas contratados ou ajustados pelo pagador de promessa. Essa presença em trio é frequentemente associada, pelos sujeitos da tradição, aos três Reis Magos: Baltazar, Gaspar e Belchior.

Entretanto, a pesquisa de campo revelou que os sentidos atribuídos aos caretas não são únicos. A maioria dos caretas e devotos entrevistados os associa aos três Reis Magos, compreendendo sua atuação como representação lúdica e devocional desses personagens sagrados. Outros relatos, porém, indicam que os caretas também podem ser interpretados como figuras que tensionam ou tentam atrapalhar a peregrinação, produzindo ruído, gritos, sapateados e movimentos em torno do canto das cantadeiras. Essas diferentes interpretações não devem ser tratadas como contradição, mas como camadas simbólicas da tradição oral. Os caretas condensam, ao mesmo tempo, devoção, brincadeira, desordem controlada, teatralidade e proteção ritual.





A própria denominação “careta” está relacionada ao uso da máscara. As máscaras são geralmente confeccionadas com couro de bode, conservando pelos que formam uma aparência cabeluda e, muitas vezes, assustadora. Costumam apresentar olhos, boca e nariz marcados, sendo presas ou associadas ao chapéu de palha utilizado pelo personagem. O resultado visual é forte: o careta não aparece como uma pessoa comum, mas como figura mascarada, deslocada do cotidiano, capaz de provocar riso, surpresa, medo, encanto e curiosidade.

A indumentária dos caretas é composta também por uma túnica ou manto feito com palha de buriti. Segundo memórias locais, essa roupa pode ser interpretada como uma adaptação popular dos mantos atribuídos aos Reis Magos. Como os trabalhadores do Reisado pertenciam historicamente às camadas populares e não dispunham de tecidos luxuosos, teriam produzido, com os materiais disponíveis no território, uma vestimenta própria, feita com fibras de buriti. Assim, a roupa dos caretas expressa criatividade, improvisação, pobreza material e riqueza simbólica.

Essa interpretação deve ser tratada com cuidado, como memória e leitura local da tradição, e não como explicação única ou definitiva. Ainda assim, ela é importante porque revela como os sujeitos de Boa Hora compreendem o Reisado a partir de sua própria experiência histórica, relacionando a roupa de palha à vida rural, aos materiais do território e à capacidade popular de recriar símbolos religiosos com recursos disponíveis.

Os caretas realizam três ações principais durante a apresentação: cantam, dançam e sapateiam. O sapateado é uma de suas marcas mais importantes. Para isso, utilizam sandálias próprias, geralmente feitas de couro seco, que produzem um som forte no chão. Esse som acompanha a sanfona e funciona como parte da musicalidade da apresentação. O corpo do careta, portanto, também é instrumento: os pés marcam o ritmo, o canto conduz a narrativa, a máscara produz presença visual e a dança organiza o espaço.

Na chegada à casa, enquanto as cantadeiras entoam o canto da anunciação na porta, os caretas permanecem próximos, gritando, pulando, sapateando e movimentando o ambiente. Nesse momento, eles ainda não estão em sua apresentação principal, mas já compõem a cena. Sua presença cria uma tensão entre a solenidade da cantiga e a energia corporal da brincadeira. Enquanto a voz das cantadeiras chama o dono da casa para receber os Santos Reis, os caretas produzem movimento e ruído, como se pressionassem a abertura ritual da casa.

Depois que o dono da casa recebe a imagem dos Santos Reis, os caretas entram em ação de forma mais direta. Eles se apresentam geralmente na primeira sala da casa ou, em algumas situações, na varanda. O espaço interno da residência é importante, pois mostra que o Reisado não se limita ao terreiro ou à rua: ele atravessa a porta e transforma a sala da casa em espaço ritual e performático. Ali, os caretas cantam, sapateiam e interagem com o dono da casa, a quem frequentemente chamam de “meu patrão”, “meu branco” ou “senhor dono da casa”.

A dança dos caretas costuma ocorrer em movimento cruzado. Os três se deslocam em círculos e se cruzam constantemente, com um passando entre os outros dois. Esse movimento produz uma espécie de desenho corporal no espaço, lembrando uma cruz ou uma circulação entrecruzada. A coreografia exige entrosamento, atenção e memória





corporal, pois os caretas precisam manter o ritmo da sanfona, o compasso do sapateado e a organização do trio.

As cantigas dos caretas possuem repertório variado. Algumas são tradicionais, transmitidas pela oralidade e repetidas ao longo dos anos. Outras fazem referência ao cotidiano, a pessoas da comunidade, vaqueiros, antigos caretas, entes queridos, acontecimentos recentes e situações vividas no momento da apresentação. Essa dimensão permite que os caretas atualizem o Reisado a cada casa visitada. Eles não apenas repetem a tradição; também comentam a vida local, improvisam, homenageiam e brincam com os presentes.

Ao final da apresentação dentro da casa, os caretas costumam perguntar ao dono da residência se ele deseja ver o sapateado de cada um separadamente ou dos três juntos. Na maioria das vezes, o dono da casa pede que cada careta se apresente individualmente. Então se apresenta o caçulinha, depois o lampião e, por fim, o careta velho. Após a apresentação individual, os três se juntam novamente e saem sapateando em conjunto.

Na memória local, essa sequência também recebe interpretação simbólica. O sapateado individual pode ser associado à caminhada separada dos três Reis Magos, vindos de lugares diferentes. Quando os três passam a dançar juntos, a cena representaria o encontro dos Magos e sua caminhada comum em direção ao Menino Jesus. Mesmo que essa interpretação não seja verbalizada por todos os participantes, ela demonstra como a tradição elabora sentidos religiosos a partir do corpo, da dança e da organização espacial dos personagens.

A hierarquia interna dos caretas também é relevante. O trio é geralmente organizado em careta velho, lampião e caçulinha. O careta velho não é necessariamente apenas o mais velho em idade, mas aquele que possui maior experiência, inteligência ritual e capacidade de diálogo. É ele quem melhor sabe conversar com o dono da casa, negociar a recepção, convidar para a saída ao terreiro e conduzir a interação quando o recebedor está mais fechado ou resistente. O careta velho, portanto, exerce uma liderança performática dentro do trio.

O humor é uma das funções mais evidentes dos caretas. Eles brincam com o dono da casa, fazem versos, provocam risos, interagem com o público e tornam o Reisado mais animado. No entanto, esse humor não deve ser interpretado como oposição à fé. Na lógica da tradição local, a brincadeira vem depois da devoção. O careta precisa alegrar, mas também precisa saber que participa do pagamento de uma promessa. Sua atuação se equilibra entre o sagrado e o cômico, entre a reverência aos Santos Reis e a necessidade de tornar a visita viva, alegre e desejada pela comunidade.

Um dos gestos mais importantes da apresentação dos caretas é o chamado lenço dos caretas. Ao saírem da casa, eles deixam um pequeno lenço ou pedaço de pano no ombro do dono da residência. Esse gesto sinaliza a expectativa de um agrado em dinheiro, oferecido pelo recebedor como reconhecimento pela brincadeira realizada. O valor não é entendido como pagamento formal, pois os caretas já estão vinculados ao pagador de promessa. Trata-se de uma contribuição simbólica e econômica, conhecida localmente como “pagar o lenço dos caretas”.





Ao final da apresentação, o lenço é devolvido aos caretas com o dinheiro enrolado ou escondido no pano. Depois, o valor é dividido entre os três. Essa prática mostra como o Reisado articula devoção, economia da festa e reciprocidade. O lenço não é apenas uma gorjeta; é um gesto ritualizado de agrado, reconhecimento e participação do dono da casa na alegria produzida pelos caretas.

Durante a observação de campo mais recente, foi possível perceber uma mudança nessa prática: alguns caretas passaram a utilizar QR Code preso à roupa, permitindo que o agrado fosse pago por transferência digital. Essa inovação revela a atualização da tradição diante das transformações nos modos de circulação do dinheiro. Ao mesmo tempo, ela produz tensões internas, pois nem todos os sujeitos da tradição consideram adequado inserir esse recurso na indumentária do careta. O QR Code, nesse contexto, torna-se um exemplo claro de negociação entre permanência e mudança no Reisado de Boa Hora.

A atuação dos caretas não termina dentro da casa. Durante a dança do boi no terreiro, eles continuam participando ativamente. Em geral, dois caretas se posicionam nas laterais do boi e um fica atrás, acompanhando seus movimentos. Eles dançam junto com o boi, interagem com o mandador e participam da cena até o encerramento da apresentação. Mesmo quando o boi se torna o centro da atenção, os caretas permanecem como personagens fundamentais da performance.

Um dos momentos mais fortes da relação entre caretas e boi ocorre na mandação, quando o mandador chama cada careta para enfrentar o boi. Primeiro pode ser chamado o caçulinha, depois os demais. O careta enfrenta o boi, pula, bate, provoca e tenta resistir. No entanto, o boi sempre vence. Essa derrota ritual do careta é esperada e celebrada pelo público. O boi avança, o careta corre, a plateia se abre, as pessoas riem, gritam e acompanham a cena com entusiasmo. O confronto encena uma disputa simbólica em que o boi demonstra força, valentia e domínio da cena.

No canto final das cantadeiras, os caretas continuam presentes. Eles sapateiam, gritam e acompanham o encerramento, como fizeram na chegada. Desse modo, estão presentes do início ao fim da visita: na porta, dentro da casa, no terreiro, no confronto com o boi e na despedida. Sua atuação atravessa toda a sequência ritual.

A observação dos caretas permite compreender o Reisado de Boa Hora-PI como uma prática profundamente corporal. A tradição não está apenas nas palavras das cantigas ou na imagem dos Santos Reis, mas também nos passos, nas máscaras, nas palhas, nos gritos, nos cruzamentos, no sapateado, no lenço e na interação com o público. O careta é memória em movimento. Ele guarda cantigas antigas, aprende com os mais velhos, improvisa com o dono da casa, atualiza a tradição e ensina às novas gerações por meio do corpo.

Assim, os três caretas ocupam posição central na dramaturgia popular do Reisado de Boa Hora. Eles representam os Reis Magos para muitos devotos, mas também expressam a força da brincadeira, da máscara, do riso e da desordem controlada. São personagens de fronteira: entre o sagrado e o profano, entre a casa e o terreiro, entre a devoção e o humor, entre a tradição e a inovação. Sem eles, o Reisado perderia grande parte de sua energia, de sua musicalidade corporal e de sua capacidade de envolver a comunidade.





Relato de diário de campo 11 — O boi e o dançador no Reisado de Boa Hora-PI

Durante a observação participante realizada no Reisado de Boa Hora-PI, o boi apareceu como um dos personagens centrais da festa, especialmente no momento da apresentação no terreiro. Embora seja, materialmente, um artefato confeccionado por artesãos e preparado antes do ciclo festivo, no contexto da peregrinação o boi passa a ser compreendido como personagem vivo, dotado de força simbólica, movimento e presença ritual. Quem torna possível essa passagem entre objeto e personagem é o dançador do boi.

O dançador é um dos trabalhadores contratados para o Reisado. Sua função é entrar debaixo da estrutura do boi e dar vida ao personagem durante a apresentação. Embora só apareça diretamente no momento da dança do boi, sua atuação exige grande preparo físico. O dançador permanece curvado, sustentando a estrutura sobre o corpo, movimentando-se no ritmo da sanfona, da mandação e da interação com os caretas. Por isso, trata-se de uma função que exige resistência, equilíbrio, ritmo e domínio corporal.

O boi é confeccionado com materiais artesanais, muitos deles retirados do próprio território. Na observação de campo, foi possível registrar a presença do talo de buriti como elemento estrutural importante. Esse talo, retirado da palmeira do buriti, é rígido e ao mesmo tempo leve, permitindo formar a base do corpo do boi sem torná-lo pesado demais para o dançador. Também são utilizadas varas finas de madeira, que permitem dar curvatura à estrutura, formando uma espécie de espinhaço e costelas do animal.

Sobre essa armação, é colocado um revestimento feito com palhas trançadas, muitas vezes associadas ao coco-babaçu, formando uma espécie de esteira que cobre a parte superior do boi. Na parte interna, especialmente onde o dançador apoia a cabeça e os ombros, são usadas espumas, muitas vezes reaproveitadas de colchões velhos, para proteger o corpo de quem dança. Essa composição revela o caráter artesanal e inventivo da confecção do boi, feita com materiais locais, reaproveitados e adaptados às necessidades da performance.

A cabeça do boi possui grande força visual. Em muitos casos, utiliza-se a estrutura seca do crânio de um boi, especialmente a parte dos chifres, que depois é revestida, ornamentada e transformada em cabeça festiva. O crânio seco recebe tecidos, plásticos, pinturas, olhos, boca, brilhos, fitas e outros enfeites. Os chifres são decorados com fitas coloridas, dando ao boi uma aparência ao mesmo tempo animal, ritual e espetacular. Assim, o boi não é uma simples reprodução do animal real; ele é uma criação simbólica, construída para a cena do Reisado.

Todo o corpo do boi é coberto por um pano, cuja barra deve esconder o dançador. Essa barra tem função prática e simbólica. Do ponto de vista prático, impede que o público veja os pés e o corpo de quem está debaixo do boi, preservando a ilusão de que é o próprio boi que dança. Do ponto de vista simbólico, a barra, especialmente quando branca, aparece nas cantigas e mandações como elemento associado à dignidade e ao caráter sagrado do personagem. Em uma das fórmulas tradicionais, o mandador anuncia o boi branco e sua barra branca, indicando que ela não deve arrastar no chão.

A dança do boi acontece no terreiro. Depois da atuação das cantadeiras e dos caretas dentro da casa, a apresentação se desloca para o espaço externo, diante do dono





da residência e do público. O terreiro se transforma em palco ritual. Ali, o boi aparece como centro da cena, acompanhado pelo mandador, pelo sanfoneiro e pelos caretas. Antes de iniciar a dança, porém, o boi é colocado deitado no fundo do terreiro.

O transporte e a colocação do boi são feitos pelo chamado pé do boi, trabalhador responsável por retirar o boi do carro, carregá-lo de uma casa a outra e posicioná-lo no local da apresentação. O dançador só entra debaixo da estrutura no momento da dança. Geralmente, essa entrada ocorre de modo discreto, para que o público não veja claramente a passagem do trabalhador para dentro do boi. Quando a mandação começa, o boi já está deitado, pronto para ser chamado pelo mandador.

O início da apresentação é conhecido como levante do boi. Nesse momento, o mandador se posiciona diante da casa e começa a chamar o boi para se levantar. A sanfona acompanha a cena, enquanto os caretas permanecem próximos, compondo a movimentação ritual. O boi, inicialmente deitado, obedece ao comando do mandador e se ergue aos poucos. Esse gesto marca simbolicamente o nascimento da performance: o artefato deixa de estar imóvel no chão e passa a existir como personagem vivo diante do público.

Depois de levantar o boi, o mandador conduz sua aproximação até a porta da casa, onde está o dono da residência. Ele segura as fitas ou se aproxima dos chifres, guiando o boi pelo terreiro. Nesse percurso, recita versos pausados, em uma entoação que prepara a entrada do boi na cena. Quando o boi chega diante do dono da casa, a mandação ganha ritmo mais acelerado, aproximando-se de uma cantoria mais marcada, acompanhada pela sanfona e pelos movimentos do dançador.

O dançador precisa responder aos comandos do mandador. Se o mandador manda o boi levantar, avançar, recuar, cumprimentar, enfrentar os caretas ou se despedir, o dançador traduz esses comandos em movimento. Assim, o boi não dança sozinho: ele é resultado da relação entre mandador, sanfoneiro, caretas e dançador. O corpo escondido do dançador é o que torna visível a vontade ritual do boi.

A dança exige ginga e leveza. Mesmo sustentando a estrutura nas costas e permanecendo curvado, o dançador precisa fazer o boi parecer vivo, valente e ágil. O ideal é que o boi dance sem revelar os pés do trabalhador. O pano deve cobrir o corpo do dançador, e a movimentação precisa criar a sensação de que é o animal que se move. Por isso, o dançador precisa ter resistência física, noção de ritmo e capacidade de improvisar conforme o espaço do terreiro e a reação do público.

Na observação de campo, foi possível perceber que muitos dançadores utilizam roupas leves para facilitar a mobilidade, como calção curto, camisa do grupo de Reisado e tênis esportivo. Essa escolha mostra uma adaptação prática às exigências físicas da função. O corpo do dançador precisa suportar calor, cansaço, peso, curvatura e movimentos rápidos durante várias apresentações ao longo da noite.

O boi também carrega forte simbolismo religioso. Nas narrativas orais de Boa Hora, há relatos de que ele pode representar o Menino Jesus, enquanto o mandador, em algumas interpretações locais, é associado a uma figura de autoridade paterna. Essas leituras não são necessariamente fixas ou iguais para todos os participantes, mas revelam a presença





de sentidos sagrados atribuídos ao boi. Ele não é apenas um animal brincante; é personagem ligado à promessa, à devoção e ao ciclo dos Santos Reis.

Um dos momentos mais marcantes da dança ocorre quando o boi enfrenta os caretas. O mandador chama um careta por vez, geralmente começando pelo caçulinha, para disputar com o boi. O careta provoca, pula, bate e tenta resistir, mas o boi sempre vence. Essa vitória é esperada pelo público e costuma gerar risos, gritos, aplausos e correria. Quando o boi avança em direção ao careta e ao público, as pessoas se afastam, abrindo espaço para a cena. A valentia do boi é valorizada: quanto mais forte e expressiva sua atuação, maior a animação dos presentes.

No final da mandação, há uma parte dedicada à despedida. O mandador pede para o boi se despedir do dono da casa, das pessoas presentes e, às vezes, de sujeitos nomeados no momento. Essa despedida marca o encerramento da atuação do boi naquele terreiro. Em seguida, o mandador pede ao sanfoneiro que toque o chamado chote do meu boi, uma música mais acelerada e instrumental, sem mandação, que finaliza a apresentação com maior intensidade corporal e musical.

A observação do boi e do dançador permite compreender que o Reisado de Boa Hora-PI é uma tradição feita de materialidade, corpo e simbolismo. O boi nasce de fibras vegetais, madeira, palha, espuma, tecidos, chifres, fitas e reaproveitamentos. Mas, na hora da apresentação, ele ultrapassa sua dimensão material. Por meio do dançador, do mandador, da sanfona e dos caretas, o boi ganha vida, dança, luta, obedece, vence e se despede.

Desse modo, o dançador é um personagem muitas vezes invisível, mas indispensável. Ele permanece escondido sob o pano, mas sustenta uma das cenas mais esperadas do Reisado. Sua invisibilidade faz parte da eficácia da performance: quanto menos aparece o trabalhador, mais vivo parece o boi. O corpo oculto do dançador é o que permite ao público acreditar, brincar e se emocionar com a presença do boi.

Assim, o boi e o dançador formam uma unidade ritual. O boi é o personagem visível; o dançador é o corpo que o anima. Juntos, eles ocupam o centro da apresentação no terreiro e expressam a força simbólica do Reisado de Boa Hora. A dança do boi revela a articulação entre natureza, artesanato, fé, performance e memória comunitária, mostrando que a tradição se mantém viva não apenas pelas palavras e cantigas, mas também pelos gestos, materiais e corpos que a colocam em movimento.

Relato de diário de campo 12 — O mandador no Reisado de Boa Hora-PI

Durante a observação participante realizada no Reisado de Boa Hora-PI, o mandador apareceu como um dos personagens centrais da apresentação do boi. Sua função está diretamente ligada ao próprio nome: mandador é aquele que manda, conduz e ordena os movimentos do boi durante a apresentação no terreiro. O boi, nesse contexto, obedece aos comandos do mandador, que o levanta, conduz, faz dançar, enfrentar os caretas, cumprimentar o dono da casa e se despedir dos presentes.

A pesquisa de campo e as entrevistas realizadas com mandadores de diferentes gerações permitiram compreender a complexidade dessa função. Foram entrevistados





mandadores jovens, como Edcarlos Lopes Araújo e Wellison Gregório, e também sujeitos mais antigos da tradição, como o Sr. Joaquim dos Santos Neto, antigo mandador e conhecedor da memória do Reisado. Essa diversidade geracional ajuda a perceber que a mandação não é apenas repetição de versos antigos, mas uma prática viva, transmitida, reinventada e atualizada por diferentes sujeitos.

O mandador entra em ação no momento da dança do boi. Antes dele, a visita à casa já passou pelo canto da chegada das cantadeiras e pela atuação dos caretas no interior da residência. Quando o boi será apresentado no terreiro, o mandador assume a condução da cena. Ele se posiciona diante da casa e do dono da residência, geralmente usando chapéu e segurando uma bengala ou vara, objeto que simboliza sua autoridade performática. A bengala não é apenas adereço: ela auxilia na marcação dos gestos e na condução simbólica do boi.

A apresentação do mandador é realizada por meio da mandação. A mandação pode ser compreendida como uma forma de canto, fala ritmada e narrativa improvisada, acompanhada pela sanfona e pela dança do boi. Ela mistura versos aprendidos com mandadores mais antigos, fórmulas tradicionais transmitidas pela oralidade e improvisações feitas no momento da apresentação. Por isso, um bom mandador não é apenas aquele que “manda” no boi, mas aquele que sabe rimar, cantar, narrar, improvisar e conduzir a emoção da cena.

A mandação possui partes que podem variar e partes que costumam se repetir. Uma dessas partes é o levante do boi, momento em que o boi, inicialmente deitado no terreiro, é chamado pelo mandador para se levantar. Esse levante pode assumir diferentes formas, conforme o repertório e o estilo de cada mandador, mas sua presença é indispensável na apresentação. É nesse momento que o boi passa do repouso à vida performática, levantando-se diante do dono da casa, dos caretas, do sanfoneiro e do público.

Outra parte recorrente é a chamada dos caretas para enfrentar o boi. O mandador convoca um careta por vez, geralmente o caçulinha, o lampião e o careta velho, para disputar com o boi. A cena é esperada pelo público e constitui uma das passagens mais animadas da apresentação. O mandador chama, o boi obedece, o careta enfrenta e, ao final, o boi vence. Depois, o mandador ordena que o boi solte ou deixe o careta, mantendo o controle ritual da brincadeira.

Também integra a mandação o convite para o banquete final, realizado no dia da morte do boi. Ao passar pelas casas, o mandador convida os recebedores e suas famílias para comparecerem à casa do pagador de promessa no dia 6 de janeiro, quando ocorre o encerramento do ciclo, com comida e participação comunitária. Esse convite mostra que a mandação não é apenas apresentação artística, mas também forma de comunicação social. Por meio dela, circulam informações, convites, homenagens e referências à vida comunitária.

No final da apresentação, o mandador conduz a despedida do boi. Ele pede que o boi se despeça do dono da casa, das pessoas presentes e, em alguns casos, de sujeitos nomeados durante a cena. Essa despedida encerra a atuação do boi naquele terreiro e prepara o retorno das cantadeiras para o canto final. Em seguida, é comum o mandador





pedir ao sanfoneiro que toque o chote do boi, momento mais acelerado e instrumental que finaliza a apresentação.

O conteúdo da mandação é amplo. O mandador pode falar da promessa, do pagador, do motivo pelo qual aquele Reisado está sendo realizado, da história do grupo, dos Santos Reis, do nascimento de Jesus, do dono da casa e das pessoas presentes. Pode também falar de si mesmo, de sua trajetória, de sua família, de sua comunidade e de sua identidade como mandador. Em alguns casos, a mandação aborda temas do cotidiano rural, como o trabalho na roça, a colheita, a lida com o gado, a caça, o vaqueiro, as dificuldades da vida e as memórias de pessoas já falecidas.

Essa capacidade de incorporar o cotidiano à performance é uma das marcas mais importantes do mandador. Ele observa quem está presente, reconhece pessoas da comunidade, cumprimenta visitantes, homenageia antigos trabalhadores do Reisado e menciona acontecimentos locais. Assim, a mandação transforma a apresentação em narrativa viva, ligando a promessa aos fatos, nomes e memórias daquele território.

A entrevista de Wellison Gregório ajuda a compreender essa função. Para ele, ser mandador não é apenas saber rimar. O mandador precisa contar a história do pagador da promessa e explicar ao público por que aquele Reisado está sendo realizado. Desse modo, quem assiste à apresentação pode compreender o motivo religioso da peregrinação e o sentido da promessa. A mandação, portanto, traduz a fé em palavra pública, tornando conhecida a história que move o grupo.

O mandador também apresenta o Reisado. Ele fala dos caretas, das cantadeiras, do boi, do dono da casa e da própria tradição. Conduz a dança com “maestria”, unindo comando, palavra, ritmo e memória. Em sua atuação, a mandação funciona como ponte entre o rito e a comunidade. O público não apenas vê o boi dançar; escuta a história da promessa, reconhece pessoas, entende a cena e participa afetivamente da apresentação.

A autoridade do mandador se expressa pela palavra e pela bengala. Ele dá ordem ao boi: manda levantar, deitar, baixar a boca no capim, avançar, enfrentar os caretas, cumprimentar e se despedir. O boi responde a esses comandos por meio do dançador, que traduz a mandação em movimento. Assim, a dança do boi depende da articulação entre mandador, dançador, sanfoneiro e caretas. O mandador não atua sozinho; ele organiza uma rede de gestos e sons.

A sanfona acompanha toda a mandação. O sanfoneiro sustenta o ritmo, enquanto o mandador recita, canta e comanda. O boi dança no compasso da música, e os caretas acompanham com dança e sapateado. A cena do terreiro, portanto, é construída por uma combinação entre voz, instrumento, corpo e movimento. A mandação dá sentido narrativo; a sanfona dá ritmo; o dançador dá corpo ao boi; e os caretas dão energia performática à brincadeira.

Nas interpretações locais, o mandador pode ser associado a uma figura de autoridade espiritual, como uma espécie de Deus Pai, enquanto o boi pode ser compreendido como representação do Menino Jesus ou como personagem sagrado da promessa. Essas leituras não aparecem de maneira uniforme em todos os relatos, mas





demonstram a densidade simbólica atribuída à relação entre mandador e boi. O mandador não apenas conduz uma dança; ele ordena uma cena carregada de significados religiosos.

A presença de jovens mandadores, como Edcarlos e Wellison, também é relevante para pensar a continuidade da tradição. Eles mostram que a função não está restrita aos mais velhos, embora dependa da escuta e da aprendizagem com gerações anteriores. A mandação é transmitida por observação, memória, convivência e prática. Um mandador aprende ouvindo outros mandadores, decorando partes tradicionais, experimentando improvisos e enfrentando o desafio de conduzir o boi diante do público.

Ao mesmo tempo, a entrevista do Sr. Joaquim dos Santos Neto, antigo mandador, permite perceber a profundidade histórica dessa função. Sua trajetória mostra que muitos mandadores aprenderam na prática, sendo chamados a atuar ainda sem experiência completa e ganhando reconhecimento ao longo dos anos. Essa memória evidencia que o mandador se forma no próprio fazer, na coragem de assumir a palavra e no reconhecimento da comunidade.

Desse modo, o mandador ocupa lugar central no Reisado de Boa Hora-PI. Ele é o guardião da mandação, o condutor do boi, o narrador da promessa e o mediador entre o pagador, o dono da casa, os Santos Reis e o público. Sua atuação reúne comando, canto, improviso, memória, religiosidade e teatralidade. Por meio dele, o boi não apenas dança: o boi conta uma história, cumpre uma promessa e se insere na vida comunitária.

Relato de diário de campo 13 — O coordenador de grupo de Reisado

Durante a observação participante realizada no Reisado de Boa Hora-PI, foi possível identificar a presença de um personagem mais recente na organização da festa: o coordenador de grupo de Reisado. Diferentemente de personagens tradicionais como cantadeiras, caretas, sanfoneiro, mandador, dançador e pagador de promessa, o coordenador não aparece necessariamente como figura ritual da apresentação, mas como sujeito responsável pela organização prática do grupo.

Segundo a memória local, em tempos anteriores, a organização do Reisado era feita diretamente pelo próprio pagador de promessa. Cabia a ele contratar os trabalhadores, conversar com cantadeiras, caretas, sanfoneiro, mandador e dançador, definir o roteiro da peregrinação, preparar a alimentação, providenciar transporte e organizar as condições necessárias para cumprir a promessa. Com o passar do tempo, porém, essa organização foi se tornando mais complexa, especialmente em razão do aumento dos custos, da profissionalização de alguns trabalhadores, da ampliação dos grupos e da importância crescente do Festival de Reisado.

Nesse contexto, passou a ganhar destaque a figura do coordenador de grupo. Geralmente, trata-se de uma pessoa com experiência anterior no próprio Reisado: ex-careta, antigo mandador, ex-dançador, pagador de promessa ou sujeito que já acompanhou muitos ciclos da festa. Por conhecer os trabalhadores, os ritmos da peregrinação, as casas, os roteiros, os horários, os custos e as exigências do festival, esse coordenador passa a ser procurado por pagadores de promessa que não dominam todos os detalhes necessários à organização do grupo.





O coordenador funciona como mediador entre o pagador de promessa e os trabalhadores do Reisado. Em vez de o pagador procurar individualmente cada cantadeira, cada careta, o sanfoneiro, o mandador e o dançador, ele contrata ou acerta com uma pessoa experiente, que já possui sua rede de contatos e seu grupo de trabalho. Esse coordenador reúne os trabalhadores, orienta a formação do grupo, organiza parte da logística e ajuda a definir o percurso da peregrinação.

A entrevista de Antônio Ricardo da Silva, conhecido como Vitamina, é importante para compreender essa função. Ele se apresenta como sujeito que já trabalhou muitos anos como careta e, posteriormente, passou a organizar Reisados. Em sua fala, afirma que há muitos anos atua como organizador e que a preparação exige planejamento antecipado, chegando a programar o Reisado do ano seguinte logo após o encerramento do ciclo anterior. Esse dado revela que a organização do Reisado não se limita aos dias da festa, mas envolve planejamento ao longo do ano.

A experiência de Vitamina também mostra que o coordenador domina dois tipos de saber. O primeiro é o saber performático, adquirido na atuação como careta, no conhecimento da palha, da máscara, do canto, do sapateado, da entrada na casa e da relação com o dono da residência. O segundo é o saber organizativo, ligado à preparação da promessa, à formação do grupo, ao contato com trabalhadores, à definição de horários, à alimentação, às rotas, aos acompanhantes e à participação no festival. Por isso, o coordenador é um sujeito de articulação entre tradição, trabalho e gestão da festa.

A presença do coordenador também está relacionada às mudanças contemporâneas do Reisado de Boa Hora. Com o crescimento do Festival, a apresentação dos grupos passou a envolver critérios de avaliação, jurados, premiação, disputa simbólica e maior visibilidade pública. Muitos trabalhadores se preocupam não apenas em cumprir a promessa, mas também em apresentar bem o grupo diante da arena, do público e dos jurados. Isso aumenta a necessidade de organização, ensaio, escolha de bons trabalhadores e planejamento logístico.

No entanto, a emergência do coordenador não significa que o pagador de promessa perca sua centralidade religiosa. O pagador continua sendo o sujeito da promessa, aquele que se apegou aos Santos Reis e assumiu o compromisso de realizar a peregrinação. O coordenador não substitui o pagador no plano devocional. Sua função é auxiliar na execução prática da promessa, permitindo que o pagador se concentre mais diretamente no cumprimento religioso de sua obrigação.

Essa distinção é importante. O coordenador organiza, mas não é necessariamente o dono da promessa. Ele orienta, reúne trabalhadores e acompanha o funcionamento do grupo, mas a promessa continua pertencendo ao pagador e à sua família. Desse modo, a presença do coordenador revela uma reorganização interna da festa, sem apagar o fundamento religioso que sustenta o Reisado.

O surgimento desse personagem também indica um processo de especialização dos saberes. Antigamente, o pagador precisava saber quase tudo: quem chamar, quanto pagar, por onde seguir, que casas visitar, como alimentar o grupo e como conduzir a peregrinação. Atualmente, parte desse conhecimento pode ser concentrada em sujeitos reconhecidos pela





experiência acumulada. O coordenador, portanto, transforma sua vivência anterior em autoridade organizativa.

Durante a observação de campo, foi possível perceber que a função do coordenador está ligada à confiança. O pagador procura alguém que “saiba fazer”, que tenha contato com trabalhadores e que consiga evitar falhas durante a peregrinação. A promessa envolve custo, tempo, cansaço e compromisso religioso; por isso, sua organização não pode ser improvisada. O coordenador aparece justamente como aquele que reduz riscos e garante maior controle sobre o funcionamento do grupo.

Ao mesmo tempo, esse personagem evidencia as transformações econômicas do Reisado. O aumento dos valores pagos a sanfoneiros, mandadores, caretas, dançadores e demais trabalhadores torna a organização mais exigente. A peregrinação, embora nasça da fé, depende de recursos materiais. O coordenador ajuda a administrar essa dimensão prática, articulando devoção, trabalho e economia da festa.

Assim, o coordenador de grupo de Reisado pode ser compreendido como personagem recente, surgido da complexificação da própria tradição. Ele não aparece como figura sagrada da cena, como os Santos Reis, nem como personagem performático central, como o boi, os caretas ou o mandador. Sua importância está nos bastidores: ele organiza a promessa para que a peregrinação aconteça.

No Reisado de Boa Hora-PI, portanto, o coordenador representa uma das formas contemporâneas de reinvenção da tradição. Sua presença mostra que o Reisado permanece vivo não porque repete exatamente o passado, mas porque cria novas funções para responder às exigências do presente. Entre a promessa, os trabalhadores, o festival, os custos e a peregrinação, o coordenador atua como mediador prático de uma festa que continua sendo religiosa, comunitária e patrimonial.

Relato de diário de campo 14 — A morte do boi no Reisado de Boa Hora-PI

Durante a observação participante realizada no ciclo do Reisado de Boa Hora-PI, a morte do boi apareceu como um dos momentos mais emocionantes da festa. Esse rito ocorre no dia 6 de janeiro, depois da última noite de peregrinação, que se inicia na noite do dia 5 e pode se estender até a manhã do dia seguinte. Como a última noite só se encerra quando o grupo retorna à casa do pagador de promessa, passando pelas casas da vizinhança, o fim da peregrinação nem sempre ocorre exatamente às 6 horas da manhã, podendo chegar às 8, 9 ou 10 horas.

Quando o grupo finalmente retorna à casa do pagador de promessa, o Reisado é cantado pela última vez naquele ciclo de peregrinação. A casa do pagador, que havia sido o ponto de partida no ensaio do boi, torna-se também o ponto de chegada. Esse retorno possui forte sentido ritual, pois encerra a caminhada dos Santos Reis e confirma o cumprimento da promessa naquele ano. Depois dessa chegada, trabalhadores, familiares e





acompanhantes descansam por algumas horas, pois a etapa final ocorrerá no mesmo dia, no período da tarde.

A morte do boi começa geralmente por volta das 16 horas, na casa do pagador de promessa. Nesse momento, o boi já está montado, os caretas estão vestidos com suas máscaras e roupas de palha, o sanfoneiro se encontra com sua sanfona, o mandador está com sua bengala, e as cantadeiras também se fazem presentes. A cena reúne novamente os personagens centrais do Reisado, mas agora em um clima diferente daquele vivido nas noites de peregrinação. Se durante as visitas às casas predominam a animação, o sapateado, a brincadeira e a circulação, na morte do boi a atmosfera torna-se mais lenta, melancólica e emocional.

Esse momento marca o encerramento da peregrinação daquele ano, seja o primeiro, o segundo ou o terceiro ano de pagamento da promessa. O ciclo que começou com o ajuste do Reisado, passou pela bênção dos bois, pelo ensaio na casa do pagador e pelas noites de peregrinação, chega agora ao seu fechamento ritual. A morte do boi, portanto, não é apenas uma brincadeira final, mas o rito de conclusão da obrigação assumida com os Santos Reis.

No início da tarde, duas pessoas, geralmente familiares do pagador de promessa ou pessoas próximas à família, ficam responsáveis por circular com uma bandeja e um caderno. O boi, os caretas e o mandador saem pelo espaço da casa e do terreiro em busca dos chamados padrinhos do boi. Apadrinhar o boi significa oferecer uma quantia em dinheiro para ajudar no encerramento da promessa. Quem deseja contribuir coloca o valor na bandeja ou registra o nome no caderno para pagar posteriormente.

A figura do padrinho do boi revela uma dimensão importante da festa: mesmo quem não recebeu o grupo em sua casa pode participar do encerramento da promessa. O apadrinhamento amplia a rede de colaboração, permitindo que devotos, curiosos, amigos, familiares, visitantes e moradores contribuam com o rito final. Assim, a morte do boi mobiliza não apenas os recebedores da peregrinação, mas também pessoas que se aproximam da festa no momento do encerramento.

Durante essa caminhada em busca de padrinhos, o mandador canta uma mundação diferente da apresentação comum do boi nas casas. A melodia é mais vagarosa, triste e espaçada, criando um ambiente de despedida. O boi caminha no meio das pessoas, acompanhado pelos caretas e pelo som da sanfona, enquanto os presentes acompanham com atenção. A mudança no ritmo da mundação sinaliza que o momento já não é de convite à brincadeira, mas de preparação para a morte simbólica do boi.

A emoção é percebida principalmente entre a família do pagador de promessa, os trabalhadores que participaram das noites de peregrinação e as pessoas mais próximas da promessa. Depois de vários dias de caminhada, noites sem dormir, visitas às casas, cantorias, dança, alimentação coletiva e convivência intensa, o encerramento produz uma sensação de fim. A morte do boi simboliza o término de um tempo especial, no qual a casa do pagador se torna centro de devoção, trabalho, festa e acolhimento.

Por volta das 18 horas, inicia-se propriamente o ato da morte do boi. Abre-se a participação para aqueles que desejam tentar laçá-lo. O laço utilizado remete ao universo





do vaqueiro e da lida com o gado. As pessoas tentam laçar o boi, enquanto ele corre e escapa, conduzido pelo dançador que está sob a estrutura. Cada tentativa frustrada produz movimento, risos, correria e tensão, pois o boi reage perseguindo aquele que tentou laçá-lo. Muitas vezes, o laçador tenta se esconder no meio do público, e o boi avança em sua direção, fazendo as pessoas se abrirem no terreiro.

Nesse momento, os caretas passam a auxiliar o boi. Com seus chicotes, tentam atrapalhar o laço, batendo ou movimentando o chicote próximo aos chifres para impedir que a corda se firme. Essa atuação reforça a dramaticidade da cena: os caretas, que durante a mandação enfrentam o boi e são vencidos por ele, agora aparecem como defensores do boi diante daqueles que tentam capturá-lo. A relação entre boi e caretas, portanto, muda conforme o momento ritual.

Quando alguém consegue laçar o boi, considera-se que ele está simbolicamente morto. Caso ninguém consiga laçá-lo após várias tentativas, é chamada uma criança para colocar o laço de modo pacífico. Essa participação infantil confere ao rito um sentido especial, pois suaviza a captura e permite que o encerramento aconteça. O boi, então, é dominado, e a cena passa da perseguição à lamentação.

Após o laço, os caretas choram e lamentam a morte do boi. Parte desse choro é performático, compondo a teatralidade do rito. No entanto, a emoção não se limita à encenação. Em muitos casos, familiares do pagador de promessa e pessoas envolvidas na peregrinação choram de verdade. O pagador também pode se emocionar, pois aquele momento representa o fim do ciclo anual da promessa. A morte do boi condensa cansaço, gratidão, alívio, saudade e fé.

A mandação do mandador acompanha esse clima de despedida. Ele canta de forma triste, lembrando que o boi está indo embora e só voltará no próximo ano, caso a promessa ainda tenha continuidade. Sua voz conduz a passagem entre a vida ritual do boi e sua morte simbólica. O boi, que durante as noites dançou, enfrentou caretas, cumprimentou donos de casa e animou terreiros, agora se despede da comunidade.

A morte simbólica se completa quando o boi é golpeado com o chicote dos caretas e tem seu “couro” retirado. Tirar o couro do boi significa retirar o pano que cobre sua armação. Esse gesto revela, ao mesmo tempo, a dimensão teatral e material do personagem: o boi que parecia vivo durante a dança retorna à condição de artefato. A retirada do pano marca a desmontagem simbólica do corpo ritual que animou a peregrinação.

Depois disso, anuncia-se o banquete. No plano simbólico, o boi morto será servido à comunidade. Na prática, já há carne bovina preparada para alimentar os presentes. O banquete reúne padrinhos, familiares, trabalhadores do Reisado, recebedores da peregrinação, devotos, visitantes e moradores. Comer junto, nesse contexto, significa participar do encerramento da promessa e da partilha comunitária que acompanha o rito.

A morte do boi acontece na casa de cada pagador de promessa. Por isso, na tarde do dia 6 de janeiro, várias mortes de boi podem ocorrer simultaneamente em diferentes comunidades e bairros de Boa Hora. As pessoas escolhem quais acompanhar, muitas vezes priorizando o grupo que visitou sua casa, o boi de familiares, o grupo pelo qual têm devoção ou aquele que se destacou no Festival de Reisado.





A observação de campo também permite perceber uma relação entre o resultado do Festival e a visibilidade da morte do boi. O grupo campeão costuma atrair mais público, visitantes, curiosos, blogueiros, autoridades e, em alguns casos, equipes de televisão. Essa presença maior não elimina o caráter religioso do rito, mas acrescenta uma dimensão pública e midiática ao encerramento. A morte do boi, portanto, também expressa a relação contemporânea entre promessa, espetáculo, turismo, mídia e identidade local.

Ao final do banquete, encerra-se oficialmente aquele ano de Reisado para o pagador de promessa. A peregrinação termina, os trabalhadores se dispersam, os visitantes retornam às suas casas e o boi deixa de atuar até o próximo ciclo. Para quem ainda precisa cumprir mais anos de promessa, o encerramento é provisório; para quem completou o terceiro ano, a morte do boi pode significar a conclusão definitiva da obrigação assumida com os Santos Reis.

A morte do boi revela que o Reisado de Boa Hora-PI possui uma estrutura ritual completa. O boi é confeccionado, abençoado, ensaiado, levado em peregrinação, apresentado nas casas, celebrado no festival, conduzido de volta à casa do pagador e, finalmente, morto simbolicamente. Sua morte não representa destruição da tradição, mas renovação do ciclo. Ao morrer, o boi encerra uma promessa e abre a possibilidade de retorno no ano seguinte.

Desse modo, a morte do boi pode ser interpretada como rito de encerramento, despedida e partilha. Ela reúne performance, emoção, memória, alimentação, economia da festa, laços familiares e devoção. O choro dos caretas, a tristeza do mandador, a tentativa de laçar o boi, o apadrinhamento, a retirada do couro e o banquete final compõem uma cena em que o Reisado se mostra, ao mesmo tempo, brincadeira, fé, teatro popular e compromisso comunitário.

Relato de diário de campo 15 — O clima comunitário do Reisado em Boa Hora-PI

Durante a observação participante realizada no ciclo festivo do Reisado de Boa Hora-PI, foi possível perceber que a festa não se limita aos grupos que pagam promessa nem aos trabalhadores diretamente envolvidos na peregrinação. No período do Reisado, especialmente entre o final de dezembro e os primeiros dias de janeiro, a própria cidade passa a viver um clima específico, marcado pela expectativa, pela preparação, pela circulação de pessoas e pela centralidade das conversas sobre a festa.

O Reisado de Boa Hora é uma tradição popular profundamente ligada ao catolicismo popular. Embora mantenha relação com símbolos católicos, como os Santos Reis, a imagem do nascimento de Jesus e a bênção dos bois, sua realização não depende apenas da instituição eclesástica. A promessa nasce no âmbito da vida cotidiana, da casa, da família e da devoção direta aos Santos Reis. Por isso, trata-se de uma religiosidade popular vivida pela comunidade, em que fé, festa, brincadeira, memória e identidade aparecem entrelaçadas.





No período do Reisado, a população se envolve de diferentes formas. Há os pagadores de promessa, que organizam os grupos e assumem os custos da peregrinação; os trabalhadores do Reisado, como cantadeiras, caretas, sanfoneiros, mandadores e dançadores; os familiares que ajudam na alimentação e na organização; os recebedores que abrem suas casas; e os acompanhantes, que seguem os grupos por devoção, curiosidade, lazer ou pertencimento cultural. Assim, mesmo quem não está diretamente pagando promessa acaba, de algum modo, participando do ambiente social da festa.

As famílias que costumam receber os grupos de Reisado em suas casas também se preparam. Muitas fazem economias para poder contribuir com os pagadores de promessa, pagar as chamadas esmolas do santo, o lenço dos caretas ou a apresentação do boi. Essa contribuição é entendida como ajuda ao cumprimento da promessa. O recebedor não está apenas pagando por uma apresentação; está colaborando para que o pagador consiga custear despesas com trabalhadores, alimentação, transporte, boi, roupas e demais elementos necessários à peregrinação.

Nas entrevistas, aparece com frequência a ideia de que promessa é coisa séria e difícil de cumprir. Essa dificuldade está relacionada tanto ao compromisso religioso quanto ao esforço financeiro e organizativo exigido. O pagador de promessa, muitas vezes, não consegue cobrir todas as despesas apenas com as contribuições recebidas durante a peregrinação. Por isso, também precisa economizar, mobilizar familiares, buscar ajuda e organizar recursos ao longo do ano. A promessa, portanto, envolve fé, mas também trabalho, planejamento e responsabilidade.

Esse clima comunitário se expressa na maneira como a cidade passa a falar do Reisado. Nos dias que antecedem e atravessam a festa, o assunto circula nas casas, nas ruas, nos comércios, nas rodas de conversa, nas redes sociais e nas comunidades. Fala-se sobre quais grupos irão sair, quem será o mandador, quais caretas estão mais animados, qual boi está mais bonito, quem pagará promessa, por quais comunidades os grupos irão passar e quem poderá vencer o Festival de Reisado. A festa produz uma espécie de calendário afetivo da cidade.

Nesse sentido, pode-se dizer que Boa Hora vive um “tempo do Reisado”. Assim como em outros contextos brasileiros determinadas festas populares reorganizam a rotina das cidades, em Boa Hora o Reisado modifica o ritmo cotidiano. Muitas pessoas dormem menos, acompanham as peregrinações durante a madrugada, saem de uma comunidade para outra, recebem visitantes, preparam comida, abrem suas casas ou ajustam horários de trabalho e comércio para participar da festa. Padarias, pequenos comércios e vendedores ambulantes também se adaptam ao movimento, abrindo mais cedo, fechando mais tarde ou atendendo ao público que circula durante a noite.

O envolvimento atinge diferentes gerações. Crianças, jovens, adultos e idosos acompanham as apresentações, reconhecem personagens, comentam as cantigas, filmam com celulares e seguem os grupos pelas ruas e comunidades. Para muitos jovens, o Reisado não é apenas uma tradição dos mais velhos, mas uma experiência de pertencimento. Muitos vão de moto, bicicleta, carro ou a pé para assistir aos bois, acompanhar caretas, encontrar amigos e participar do movimento da cidade.





Esse envolvimento também alcança pessoas que moram fora de Boa Hora. Como a festa ocorre em janeiro, período de férias escolares, muitos filhos da terra retornam ao município para visitar familiares e acompanhar o Reisado. Além deles, há visitantes de cidades vizinhas e turistas interessados na cultura local. O resultado é uma ampliação temporária da população circulante, sobretudo nas noites de maior movimento, como a véspera do Festival e a última noite de peregrinação.

A presença de pessoas de diferentes crenças também faz parte desse cenário. Embora o Reisado esteja vinculado principalmente à devoção católica aos Santos Reis, sua força cultural ultrapassa os limites estritos da religião. Há sujeitos que participam por fé, outros por tradição familiar, outros por interesse cultural, outros por lazer e outros por identificação com Boa Hora. Ao mesmo tempo, alguns grupos religiosos não católicos podem orientar seus membros a não participar diretamente da festa ou realizar atividades próprias no mesmo período. Essa tensão revela que o Reisado é percebido não apenas como evento cultural, mas como prática religiosa popular de forte presença pública.

Essa presença pública torna o Reisado contagiante no cotidiano da cidade. Mesmo quem não participa diretamente acaba sabendo onde os bois estão, quais grupos estão circulando e quais casas receberam a peregrinação. A festa ocupa as ruas, os terreiros, as conversas e as memórias. Em algumas noites, especialmente em bairros tradicionais como Mato Seco, a multidão ocupa as vias, estaciona carros e motos, acompanha vários grupos ao mesmo tempo e transforma a peregrinação em grande acontecimento comunitário.

A comparação com o clima da Copa do Mundo ou do Carnaval ajuda a compreender a intensidade social da festa, desde que usada de forma analítica. No caso de Boa Hora, o Reisado cria uma atmosfera própria: durante aqueles dias, fala-se de Reisado, espera-se o Reisado, acompanha-se o Reisado, avalia-se o Reisado e vive-se o Reisado. A cidade parece reorganizar sua sensibilidade coletiva em torno da peregrinação, da promessa e da presença dos Santos Reis.

Esse clima comunitário é fundamental para compreender por que o Reisado permanece vivo. A tradição não se mantém apenas porque alguns pagadores fazem promessa, mas porque existe uma rede social que reconhece, acompanha, comenta, ajuda, recebe e valoriza a festa. O Reisado depende do pagador, mas também depende do recebedor; depende dos trabalhadores, mas também do público; depende da fé, mas também da memória coletiva; depende da casa, mas também da rua e da comunidade.

Desse modo, o Reisado de Boa Hora-PI pode ser compreendido como uma prática que mobiliza a cidade inteira, ainda que de formas diferentes e com intensidades variadas. Para uns, é promessa; para outros, devoção; para outros, identidade; para outros, lazer; para outros, oportunidade de comércio; para outros, retorno afetivo à terra natal. Essa pluralidade de sentidos não enfraquece a tradição. Ao contrário, mostra sua capacidade de reunir diferentes sujeitos em torno de uma experiência comum.

O clima comunitário do Reisado revela, portanto, que a festa é mais do que um conjunto de apresentações. Ela constitui um tempo especial da vida social de Boa Hora, no qual a cidade se reconhece, se movimenta e se narra a partir de sua cultura popular. Nesse período, a religiosidade popular se torna visível nas ruas, nas casas, nos corpos, nas cantigas, nos gastos, nas ajudas, nas conversas e nos deslocamentos. É nesse





PROFHISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE HISTÓRIA

envolvimento coletivo que o Reisado reafirma sua força como patrimônio vivido, identidade local e prática comunitária de fé.

